

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Léo Ghizon

O lugar da poesia

O mais antigo e menos
comercial dos gêneros literários
permanece como um ato de
resistência no século XXI

EDITORIAL

Com o característico bigode de Paulo Leminski estampado na capa de sua primeira edição, o **Cândido** debutava na literatura brasileira há um ano. De lá para cá, o jornal procurou discutir temas pertinentes da literatura contemporânea e, principalmente, dar vazão à produção ficcional, crítica e poética do Paraná. Como forma de celebrar este primeiro ano, o jornal tem, a partir desta edição, sua tiragem dobrada, passando de 5 mil para 10 mil exemplares, além de ganhar 8 páginas. A partir de agora, serão 40 páginas mensais dedicadas aos livros e à literatura. Essas mudanças são uma forma de atender às demandas de leitura do jornal, que, com o tempo, passou a ser mais conhecido e procurado pelos leitores.

Em 12 edições, foram mais de mais de 40 inéditos, entre poemas, contos e crônicas. Pelas páginas do jornal passaram alguns dos nomes mais destacados da literatura contemporânea do Estado — entre veteranos e promessas —, como Josely Vianna Baptista, Rodrigo Garcia Lopes, Thiago Tizzot, Luiz Felipe Leprevost, Roberto Gomes, Marcio Renato dos Santos, Ivan Justen Santana, Assionara Souza, Jussara Salazar, entre outros.

Por outro lado, o jornal também procurou acompanhar a cena literária nacional, publicando nomes importantes da ficção, escritores fundamentais de nosso tempo, a exemplo de Milton Hatoum, Ronaldo Correia de Brito, Alberto Martins, Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna e Adélia Prado.

A profusão de nomes e temas instigantes, aliada ao apuro gráfico, fez o **Cândido** conquistar leitores fiéis e se tornar importante fonte de pesquisa em escolas e universidades, ultrapassando as fronteiras de Curitiba e estabelecendo-se como um importante caderno literário do Brasil — juntando-se a outros periódicos, mais antigos, como o *Suplemento Pernambuco* e o *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

Portanto, nada mais coerente que, ao completar um ano, um jornal inteiramente voltado à literatura dedicar espaço nobre em sua edição de aniversário à poesia, o mais antigo e marginalizado dos gêneros literários. Em uma época em que a tecnologia dá o tom de nossos hábitos e costumes, qual o lugar da poesia hoje? Com reportagens, textos críticos e poemas, o **Cândido** tenta dar sua contribuição a um assunto tão complexo quanto pertinente. O especial é acrescido por um pai-nô poético, com alguns nomes importantes da poesia contemporânea.

As longas entrevistas e depoimentos, perfis, retratos e matérias especiais, assim como as apuradas ilustrações, que marcaram esse percurso de doze meses do jornal, continuam presentes nesta edição.

Boa leitura a todos.



EXPEDIENTE



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulo Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação: Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Guilherme Magalhães, Márcio Renato dos Santos, Omar Godoy e Tatjana Garcia. Fotografia: Kraw Penas Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design. Colaboradores desta edição: André Ducci,

Armando Freitas Filho, Bruna Ferencz, Cecília Prada, Cezar

Tridapalli, Estelli Flores, Felipe Lindoso, Fernando Koproski,

Francisco Alvim, Léo Gibran, Luís Augusto Fischer, Marcelo

Cipis, Nuno Ramos, Pedro Franz, Pedro Gutierrez, Rafael Sica,

Ricardo Corona, Rodrigo Madeira e Zulmira Tavares.

Redação: imprensa@bpp.pr.gov.br - (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 – Curitiba - PR.

Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h.

Sábado: 8h30 às 13h

CRITÉRIOS PARA PUBLICAÇÃO DE ORIGINAIS

Todos os originais enviados ao **Cândido**, serão analisados pelo seu Conselho Editorial, que avalia a partir dos seguintes critérios:

- Contribuição relevante ao jornal;
- Adequação às propostas do **Cândido**, que privilegia obras inéditas que tenham relevância para a cultura.

Para obter a aprovação para publicação, as obras devem preencher os seguintes requisitos:

- De estilo: correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade.
- De conteúdo: nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração; originalidade da abordagem.

O Conselho Editorial não analisa:

- Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.

As obras devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e a análise final da obra.

Serão imediatamente desconsiderados os originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:

- Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
- Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

BIBLIOTECA AFETIVA

O senhor das moscas, de William Golding, foi uma leitura particularmente impactante que, de certo modo, redirecionou minha cabeça e meu repertório literário, em meados dos anos 1980. Quase que ao mesmo tempo, li *O deserto dos tártaros*, de Dino Buzzati, outra pancada existencial e literária que deixou marcas e me abriu caminhos. Dois livros inesquecíveis, que encontrei no momento certo.

Cristovão Tezza é escritor, cronista do jornal *Gazeta do Povo*, autor de *Beatriz*, *O fotógrafo* e *O filho eterno*, romance vencedor dos principais prêmios de literatura do país.

Vive em Curitiba (PR).



Guilherme Pupo

O púcaro Búlgaro foi o primeiro livro de Campos de Carvalho que tive a oportunidade de ler. Isso faz alguns poucos anos e ainda é totalmente novo para mim. Busco em seus parágrafos de intensa qualidade literária inspiração e motivação. Não somente pela originalidade, mas este livro possui uma fluência encantadora. É um dos meus livros prediletos entre todos os que li até hoje.

Ana Paula Maia é escritora. Autora de, entre outros livros, *Carvão animal* (2011). Vive no Rio de Janeiro (RJ).



Marcelo Correa

Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez, é um livro que faz parte da minha vida, sempre volto a ele, de tempos em tempos. Li pela primeira vez quando tinha uns 15 anos, eu acho, e o devorei, mergulhada naquela Macondo, lá em São Mateus do Sul, cidade pequena e cheia de mistérios, a minha Macondo. Mas, um livro que me fez mergulhar no meu mais profundo âmago foi sem dúvida *Crime e castigo*, de Dostoiévski. Ródia está sempre em meus pensamentos, ainda mais nestes tempos nossos, angustiantes!

Rosana Stávis é atriz e, entre outras peças, atuou em *Psicose 4h48*, de Sarah Kane (2004), e *Árvores abatidas ou para Luis Melo*, de Marcos Damaceno. Vive em Curitiba (PR).



Divulgação

Conheci o livro *A aurora da minha vida*, peça escrita por Naum Alves de Sousa, após ter assistido a uma adaptação do livro. Hoje, faço faculdade de Artes Cênicas e acho fantástica a forma como o autor trabalha as relações entre os personagens, que são um mosaico de classes sociais diferentes. Acaba sendo um retrato psicológico das individualidades e isso me atrai muito na literatura.

Janaína Micheluzzi é estudante de Artes Cênicas e estagiária da Seção Infantil da BPP. Vive em Curitiba (PR).

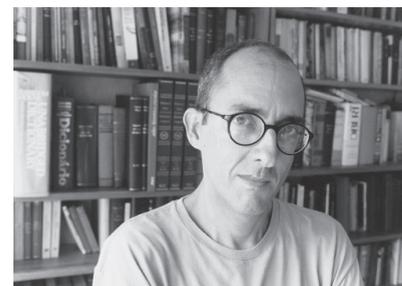


Eve Saad

CURTAS DA BPP

BPP recebe Rubens Figueiredo

O escritor e tradutor carioca Rubens Figueiredo participa do projeto “Um escritor na Biblioteca”, no dia 17 de julho, a partir das 19h, no Auditório Paul Garfunkel. Formado em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Figueiredo se tornou conhecido, em um primeiro momento, pelas traduções, sobretudo por verter textos literários diretamente do russo para o português. Recebeu o Prêmio Literário da Fundação Biblioteca Nacional pela tradução de *Ressurreição*, de Liev Tolstói, de quem também traduziu o monumental *Guerra e paz*. Com o romance *O passageiro do fim do dia*, o escritor ganhou dois dos mais importantes prêmios literários em 2011, o São Paulo e o Portugal Telecom.



Divulgação

Oficina de crônica com José Roberto Torero

O escritor, roteirista, jornalista e cronista José Roberto Torero vai ministrar a Oficina BPP de Criação Literária — Crônica nos dias 27, 28, 29 e 30 de agosto, das 14h às 18h. Os interessados devem enviar e-mail para oficina@bpp.pr.gov.br com uma crônica de até 40 linhas sobre qualquer assunto. Os textos serão analisados pelo autor, que selecionará 30 pessoas. Formado em Letras e em Jornalismo pela Universidade de São Paulo, Torero é autor, entre outros, do romance *O Chalaça*, vencedor do Prêmio Jabuti em 1995, e escreveu roteiro para programas de televisão, entre os quais *Retrato Falado*, da Rede Globo. Já colaborou com jornais brasileiros e atualmente escreve crônicas publicadas aos sábados, a cada 15 dias, no caderno “Esporte” da *Folha de S. Paulo*.

BPP promove torneio de xadrez

Neste mês de julho, a Seção Infantil da BPP promove o XI Torneio Infantil de Xadrez. A competição acontece na sexta-feira, 13, a partir das 13h30. Podem participar crianças de até 13 anos. As inscrições podem ser feitas na Seção Infantil da BPP ou pelo telefone (41) 3221-4980.

Rafael Campos Rocha ministra Oficina de ilustração editorial

A Biblioteca Pública do Paraná promove, de 6 a 10 de agosto, Oficina BPP de Ilustração Editorial com Rafael Campos Rocha. O artista plástico e ilustrador vai apresentar conteúdos teóricos e módulos práticos, incluindo apresentação do percurso dos quadrinhos ao longo do tempo e todo o suporte para a formulação de uma HQ. Os interessados devem encaminhar para o e-mail oficina@bpp.pr.gov.br uma ilustração, um cartum ou uma história em quadrinho, todas no formato de 72 dpi. Há 30 vagas e o próprio Campos Rocha fará a seleção dos inscritos. É necessário frequentar os cinco dias de oficina, das 14h às 18 horas, para receber o certificado. O participante que faltar já no primeiro dia, terá a inscrição cancelada, e o primeiro nome da fila de espera terá a oportunidade de participar do curso. As inscrições são gratuitas e podem ser feita até o dia 30 de julho.



Joca Terron

Um dos mais festejados autores da literatura brasileira contemporânea, o autor de *Não há nada lá* fala de sua literatura, que aproxima a ficção de outras linguagens, como os quadrinhos e o cinema



Em 2007, Joca Reiners Terron passou um mês no Cairo, Egito, com a finalidade de escrever um romance — viagem patrocinada pelo projeto Amores Expressos. O resultado foi a longa narrativa *Do fundo do poço se vê a lua* (2010), que conquistou o Prêmio Machado de Assis de Romance da Fundação Biblioteca Nacional. Desde que apareceu no mercado editorial, na década de 1990, Terron não passa despercebido. Sua primeira obra, *Eletroencefalodrama* (1998), foi bem recebida pela crítica e por leitores atentos a uma literatura ousada. Terron também foi um dos autores incluídos por Nelson de Oliveira na antologia *Geração 90: Os transgressores* (2001), publicação que apresentou alguns dos nomes que se tornaram as novas vozes da ficção nacional, como Altair Martins, Daniel Pellizzari, Ivana Arruda Leite, Marcelino Freire e Ronaldo Bressane. Durante o bate-papo, mediado pelo jornalista Irineo Baptista Netto, Terron falou sobre o seu percurso, desde as primeiras leituras, incluindo o hábito de frequentar bibliotecas, até o seu livro mais recente, *Guia de ruas sem saída* (2012), que conta com ilustrações do curitibano André Ducci. “Sou inconstante. Já quis ser quadrinista, poeta, cantor de *rock*, arquiteto, *designer* gráfico e escritor. Nada garante que eu continue a publicar livros. No entanto, acho difícil parar de escrever porque a escrita é um hábito adquirido e fundamental na minha vida. Se deixar de escrever, vou perder a minha principal ferramenta de expressão, vou me sentir sem voz”, confessa o autor de, entre outros livros, *Não há nada lá* (2001/2011), *Animal anônimo* (2002), *Hotel Hell* (2003), *Curva de rio sujo* (2004) e *Sonho interrompido por guilhotina* (2006). Leitor atento da literatura feita em Curitiba, Terron falou de sua admiração por Valêncio Xavier e Manoel Carlos Karam, escritores que editou entre os anos 1990 e 2000.

Confira os melhores momentos do papo.

Primeira biblioteca

A primeira imagem de uma biblioteca que tive foi a da minha própria casa, uma biblioteca encaixotada, porque meu pai trabalhava no banco e a gente viajava muito. Ele era obrigado a mudar de cidade de dois em dois anos — às vezes até no mesmo ano —, e isso na época em que eu tinha 16 anos. Lembro que os livros eram os primeiros objetos a serem encaixotados, e os últimos a serem desencaixotados. Não era uma biblioteca muito grande, mas a minha casa sempre teve livros. Agora, uma biblioteca organizada, e tal, foi sem dúvida a de um colégio de padres muito bom que eu estudei no Mato Grosso, na divisa com Goiás, numa cidade chamada Alto Araguaia. Era um colégio interno onde só eu não era interno. No fim do dia, quando me despedia dos amigos, parecia que eu tinha visitado uma prisão.

Primeiro livro

Naquele contexto, li *O Ateneu* (1888), do Raul Pompeia, e me identifiquei bastante. Em geral, a garotada que lê esse livro não consegue se identificar, mas me identifiquei porque estava vivendo uma experiência similar a que é apresentada no livro. Aquela escola foi criada no meio do nada para atender a filhos de fazendeiros da região. Aquela biblioteca foi a primeira que frequentei de verdade, a ponto de eu ter de descobrir o horário em que o padre bibliotecário não estava porque, se estivesse, ele me parava, me segurava pelo colarinho e dizia para quem estivesse por perto: “Vocês têm de seguir o exemplo desse menino aqui. Ele já leu a biblioteca inteira”. Eu morria de vergonha.

Fotonovelas e Francisco Marins

Um professor dizia que eu não podia ver linha embaixo de linha que já saía lendo. Acho que eu era assim. Lia de tudo, sem restrições, inclusive foto-

novelas. Era a década de 1970, período no qual houve predomínio e popularidade das fotonovelas, vendidas em bancas de jornais. Minha mãe comprava e eu lia as publicações. Também me tornei leitor de quadrinhos. Li a obra de Monteiro Lobato e, principalmente, a de um escritor paulista chamado Francisco Marins. Ele criou uma série de literatura infantil chamada *Taquara-Póca*, que lembra o *Sítio do Picapau Amarelo*. Os personagens criados pelo Marins viajam no tempo, e há a presença do fantástico na literatura dele. É um escritor maravilhoso, que teve o seu auge na década de 1970 e hoje está esquecido. Bem, li muito naquele tempo e acho que foi o meu período de leitura mais prolífico, justamente porque eu tinha tempo livre.

Clássicos a la Cony

Quando estava mais maduro, achei que já tinha lido todos os clássicos da literatura universal. Numa visita à casa de minha mãe, ao olhar a coleção dela, me dei conta de que eu não havia lido todos os clássicos. Os grandes livros da literatura universal que eu tinha lido haviam sido ‘escritos’ pelo Carlos Heitor Cony. Após o golpe militar, o Cony sobreviveu durante anos fazendo adaptações, e foram essas adaptações que eu li. São os livros lidos nesse período que estão impregnados em minha imaginação até hoje, entre os quais *As aventuras de Tom Sawyer* e *Huckleberry Finn*, de Mark Twain. E também os livros do Robert Louis Stevenson, originalmente escritos como folhetins e publicados em jornais, hoje em dia chamados de literatura de aventura, o que verdadeiramente são, mas é uma ficção de aventuras com uma qualidade indescritível.

Memória televisiva

Pelo fato de sempre morar nos lugares onde Judas perdeu as meias, os livros se tornaram uma companhia

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

para mim. Em muitas das cidades onde minha família morou, como Poconé (MT), Alto Araguaia (MT), Dourados (MS), a televisão não pegava direito. A TV, inclusive, era um objeto de decoração, raramente ligada na tomada. Mas a minha avó morava no interior de São Paulo e eu passava as férias com ela. Ficava o mês inteiro em frente à televisão, porque era a única oportunidade que eu tinha de assistir. Quando encontro amigos e eles começam a contar as suas memórias televisivas, me considero um elo perdido. Não conheço os desenhos animados daquele tempo.

Biblioteca Mário de Andrade

No início da década de 1990, fui morar em São Paulo, na capital, e, naquele contexto, comecei a frequentar a Biblioteca Mário de Andrade. Hoje, ela foi reformada, está lindíssima, é um prazer visitá-la, principalmente porque reformularam todo o sistema de consulta. Você entra e tem acesso a todas as prateleiras, é um passeio que recomendo. Mas nos anos 1990 a situação era diferente. De toda forma, acho que essa é a lembrança mais precisa que tenho de frequentar uma biblioteca pública.

Idiosincrasias

Na minha biblioteca tem os livros que estão comigo desde a adolescência e os chamados livros do coração, aqueles que li e tenho a esperança de reler, e ainda aqueles que comprei a partir de desejo muito forte de ler, mas que ainda não tive oportunidade de começar. Acredito que existe um tipo de livro que você precisa em determinada época. Essa obra exige uma adequação, um momento e uma hora exata para a leitura. Às vezes, você pega um livro, abre, lê duas ou três páginas e não prossegue. Depois de cinco ou seis anos, você abre aquele mesmo livro e se apaixona, lê até o final. Isso aconteceu comigo diversas vezes. Então, hesito em me livrar dos livros.



“Hesito em me livrar dos livros.”

“Acredito que existe um tipo de livro que você precisa em determinada época. Essa obra exige uma adequação, um momento e uma hora exata para a leitura.”

Leitor profissional

Sou leitor profissional, faço crítica para jornal e, por esse motivo, entrei na lista de envios das editoras. Sem pedir, recebo até 25 livros por semana em casa. E isso acaba virando um problema porque não é a toda hora que você consegue encontrar tempo para organizar e mesmo fazer uma triagem de tantos volumes.

Caos organizado

Três prateleiras da minha estante quebraram por excesso de peso, e os livros estão espalhados por diversos pontos do apartamento. Comecei a fantasiar que, uma hora ou outra, o piso também vai ceder e serei responsável pela morte da família do andar de baixo, onde, inclusive, tem uma adolescente que berra o dia inteiro. Mas, apesar disso, tenho tudo bem organizado na cabeça. Se alguém precisar de um livro da minha biblioteca, é só perguntar que eu encontro. A minha organização é totalmente afetiva, não tem lógica. Na sala, devo ter uns cinco mil livros. Meu criado-mudo está uma calamidade. Outra fantasia que tenho é de morrer soterrado pelos livros do meu criado-mudo, onde deve ter uns 200 livros.

Curitiba literária

Meu interesse pela literatura produzida no Paraná antecede a descoberta do Valêncio Xavier ou do Manoel Carlos Karam. Curitiba teve uma geração maravilhosa e foi muito influente. Nos anos 1980, a presença do

Paulo Leminski foi fundamental, além da existência do jornal *Nicolau*, editado pelo Wilson Bueno, e do próprio Bueno. Na década de 1990, após estudar arquitetura no Rio de Janeiro, me mudei para Bauru, no interior de São Paulo, onde estudei Desenho Industrial e Design Gráfico na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Lá, tive um ótimo professor, o José Luiz Valero Figueiredo, que tinha trabalhado com poesia visual na década de 1970. Quando soube do meu interesse por literatura, o Figueiredo me apresentou a primeira edição de *O mez da gripe* (1981), do Valêncio. Eu estava lendo poesia, ensaios, crítica literária, e tinha parado de ler ficção. Então, li *O mez da gripe*, e o livro foi a minha porta de entrada para a leitura de ficção contemporânea.

O genial Valêncio

Fiquei tão impactado pela leitura de *O mez da gripe* que viajei para Curitiba e procurei o nome do Valêncio Xavier na lista telefônica. Encontrei o número, mas, em um primeiro momento, não tive coragem de telefonar. Uma noite, após umas cervejas, liguei e ele atendeu. Conversamos, e fiquei amigo dele. Meu interesse pelo Valêncio Xavier antecede a sua redescoberta, porque *Meu 7.º dia*, livro dele que publiquei pela minha extinta editora, a Ciência do Acidente, saiu em 1998, mesmo ano em que a Companhia das Letras reeditou *O mez da gripe e outros livros*. Talvez *Meu 7.º dia* tenha saído um pouco antes da reedição da Companhia das Letras

porque o Valêncio fez questão de que da bibliografia do livro da Companhia das Letras constasse a edição da Ciência do Acidente.

Descompasso

Gosto de uma literatura não muito certinha. Embora o Brasil tenha grande tradição literária, percebo que no período da ditadura, de 1967 até a década de 1990, a literatura ficou em segundo, terceiro, quarto plano, sem condição de competir com outras expressões artísticas. A literatura brasileira não podia competir com o poder de mobilização política que, por exemplo, o teatro teve nos anos 1960, nem com a Tropicália. Quem realmente produziu obras que me atraíram, que me deixaram impressionado, foram autores como Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier, Paulo Leminski e o Jamil Snege, o mais desconhecidos de todos, que ficou restrito a Curitiba por causa de sua recusa em ser publicado por uma grande editora.

Karam

Apesar de ter surgido dessa literatura pós-modernista, sobretudo a francesa, na qual um dos destaques é o escritor Georges Perec, o Karam conseguiu desenvolver uma linguagem muito pessoal, com grande sentido de humor e um jeito de enxergar o absurdo da vida quase filosoficamente, engraçadíssimo. Dificilmente você fecha um livro do Karam e não fica pensando, e o grande autor é justamente o que consegue provocar esse efeito no leitor, a reflexão.

Letrista de rock

Comecei escrever narrativas durante a infância. Eu era aquele que, quando tinha concurso regional de redação, era sempre o escolhido para representar a escola. Quando tinha 10 anos, li *O tempo e o vento*, do Erico Verissimo, e planejei escrever uma saga épica mato-grossense. Até comecei a escrever,

mas não fui adiante. Poesia, eu não sei, surge como um desejo de expressão sentimental, mas nunca quis ser poeta. Eu queria mesmo ser letrista de rock.

Flashes do cotidiano

Lembro de uma resenha muito elogiosa ao meu primeiro livro, *Ele-troencefalodrama* (1998), na qual o resenhista comparava cada um dos poemas a textos de Maiakovski, e. e. cumings e outros grandes poetas. Quem lia a resenha, tinha a impressão de que eu resumia toda a poesia do século XX em um único livro. Com o passar do tempo, a poesia, para mim, acabou virando uma espécie de arte fotográfica, um recorte do cotidiano, uma imagem que acaba se traduzindo em texto, e não sinto necessidade de reunir e publicar. Às vezes, tenho a impressão de que são assuntos tão pessoais que realmente merecem ficar apenas dentro dos meus cadernos.

Luta contra a indisciplina

Na ficção, principalmente no romance, há uma luta contra a sua própria indisciplina. O escritor de romance sempre é relacionado a uma espécie de tortura, e isso é verdade. Se você não escrever todos os dias, nem que sejam apenas 20 linhas, não vai terminar nunca — e não terminar talvez seja a pior coisa da vida. Ao escrever uma longa narrativa de ficção, você é movido por ideias que têm de ser traduzidas em texto. Se o escritor não fizer isso, as ideias desaparecem. Acredito que essas ideias, quando não se transformam em texto, acabam virando um sentimento rancoroso de insatisfação, um recalque.

Realidade

Durante um processo criativo, o escritor deixa de ser apenas leitor e começa a se expressar diariamente por meio da escrita de ficção. Isso tem um aspecto um pouco amedrontador. Em determinando momento, você pode co-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

meçar a praticar a ficção ao invés da realidade e, se isso acontece, o sujeito se dá conta de como é tênue a fronteira entre ficção e realidade. Daí que a ficção adquire esse caráter de verdade categórica justamente por ser uma mentira que se espelha na suposta verdade da vida.

Encomenda

Tenho vários livros em progresso que fui obrigado a abandonar porque tinha um compromisso, por exemplo, um prazo para entregar um romance pelo qual eu havia sido pago, e isso não é muito comum no nosso mercado editorial. Quando fui convidado para participar do projeto Amores Expressos, eu tinha apenas de contar uma história de amor no Cairo, e eu contei. Uma história de amor e ódio entre dois irmãos gêmeos. E foi muito divertido.

No Cairo

O Cairo é uma cidade com 18 milhões de habitantes. No entregueras, no século XX, foi um entreposto do Ocidente, um local sofisticado e civilizado, onde diversos escritores viveram e escreveram obras. Viajei para lá em 2007, e já era possível perceber essa ebulição que iria culminar na Primavera Árabe de 2011 [onda revolucionária de manifestações e protestos que ocorreram no Oriente Médio]. O Mubarak estava há mais de 30 anos no poder. O Egito vivia uma ditadura desde a saída dos ingleses, na metade do século XX. Além disso, aquele local se tornou totalmente islâmico. Antigamente, era um país trilingue, onde se falava inglês, francês e árabe. Hoje, raramente você encontra um egípcio que fale um idioma ocidental, mesmo nos hotéis.

Ligado o tempo todo

Os dias que passei no Cairo foram surpreendentes. Viajei de trem, fui para um deserto, para Alexandria, sempre com poucos recursos. Fiquei em hotéis horríveis, e não por descuido da produção do projeto. No Egito é oito ou 80. Não tem hotéis baratos que sejam legais. Se você se hospedar em um hotel cinco estrelas, estará fora da realidade do Egito. Não foi o meu caso. Mas no meio da estada, comecei a me cansar. Era preciso estar ligado o tempo todo, negociar 24 horas por dia para não ser enganado.

Má vontade da crítica

Amores Expressos, projeto no qual autores brasileiros foram enviados, cada um, para diferentes cidades do mundo com a finalidade de escrever um romance, foi um marco porque, de algum modo, espelha o nível de profissionalismo que atingimos em âmbito editorial. Por outro lado, a recepção crítica deixou a desejar. *O filho da mãe*, livro que surgiu a partir da viagem do Bernardo Carvalho a São Petersburgo, é um dos melhores livros recentes dele. Aponta um novo caminho na ficção desse grande autor, e quase não foi comentado. O livro não foi massacrado por ser do Bernardo Carvalho, um autor de prestígio. A coleção foi importante por mostrar que, no Brasil, os críticos literários são mais românticos do que os criadores, pelo fato de receberem de forma tão negativa livros encomendados. No século XIX isso era comum, o Dostoiévski escrevia por encomenda.

Como se fosse um filme

Guia de ruas sem saída (2012) é quase um filme. O livro só existiu por-



“Curitiba teve uma geração maravilhosa e foi muito influente.”

que sofreu um processo de montagem, característico do cinema, no qual você filma todas as cenas separadamente, leva o material para a ilha de edição e, lá, corta o desnecessário, edita. Tive controle total sobre tudo, as imagens, as sequências, as narrativas em imagem feitas pelo André Ducci.

Insatisfação permanente

Se me perguntarem se fiquei satisfeito com *Guia de ruas sem saída*, não fiquei, nunca fico satisfeito com nenhum livro. Se você escrever uma obra de ficção mais longa, que não seja um

conto, está condenado ao fracasso. Porque o romancista é vencido pelo cansaço, pois abandona o livro quando já não consegue mais ver defeitos nem qualidades. O grande problema da escrita de um romance é o seguinte: você é obrigado a ler dezenas, centenas de vezes e, então, o texto adquire um grau de opacidade. Não sei se vocês sabem, mas nas grandes editoras, em quase todas, os romances sofrem três processos de revisão. Raramente é o mesmo revisor que faz o trabalho. Em geral, três revisores atuam no processo. Eu sempre saio de um romance com a sensação de derrota, de ter jogado a toalha.

Blogues

Em 2002, tive um primeiro *blog*, o “Hotel Hell”, no qual publicava ficção. O meu livro *Hotel Hell* (2003), publicado pela editora gaúcha Livros do Mal, talvez tenha sido um dos primeiros do Brasil a reunir textos literários que saíram anteriormente em um *blog*. Depois, fiquei uns tempos sem *blog*. Quando criei esse novo, o Sorte & Azar S/A, eu estava tentando reanimar, em mim, a vontade de escrever *posts*. É também uma paródia de um livro do escritor uruguaio Mario Levrero, no qual um personagem se inscreve em uma escola de caligrafia a fim de melhorar o caráter.

Na companhia da crônica

No que diz respeito a editoras, o *blog* da Companhia das Letras é um dos mais bacanas. Eu entendo aquele espaço, no qual sou um dos colaboradores, como uma oportunidade para escrever crônicas, com total liberdade. Sempre que posso, falo sobre o que me atrai, incluindo livros.

O grande Joca

Traduzi, para a Cosac Naify, o livro *Paris não tem fim* (2007), do Enrique Vila-Matas, mas eu não conhecia o autor. Depois disso, ele veio ao Brasil

“Na ficção, principalmente no romance, há uma luta contra a sua própria indisciplina.”

“No Brasil, os críticos literários são mais românticos do que os criadores.”



para participar de um evento literário, circulou e concedeu entrevistas. É comum perguntarem a um autor estrangeiro se ele conhece a literatura brasileira e, para a revista *Época*, ele respondeu o seguinte: “Conheço a Clarice Lispector, o Dalton Trevisan e o grande Joca Terron”. Fui o único que mereceu um adjetivo. Peguei o exemplar da revista e procurei o expediente para ver se não tinha algum amigo meu fazendo piada. Não tinha. Meses depois, recebi uma ligação telefônica de uma repórter da revista *Época*, a mesma que tinha entrevistado o Vila-Matas, para falar sobre um outro assunto. Perguntei a ela se o escritor catalão tinha dito aquilo mesmo. Estava em dúvida. Afinal, ele poderia ter dito “o grande Dalton Trevisan, Joca Terron” e, na edição, por descuido,

o “grande” teria se aproximado do meu nome. Mas a repórter garantiu que a frase era aquela mesma e, confesso, fiquei muito feliz porque o Vila-Matas é um autor que admiro.

Sintonia

Conheci a ficção do Vila-Matas em 2004, a partir do livro *História abreviada da literatura portátil*, publicado originalmente em 1985, e editado no Brasil em 2011. Naquela mesma época, também conheci o Roberto Bolaño. Li os dois autores ao mesmo tempo. E fiquei surpreso com a literatura do Vila-Matas porque, guardadas todas as proporções, havia um diálogo muito grande com o meu livro *Não há nada lá* (2001). Esse parentesco literário o próprio Vila-Matas resalta no texto que está na contracapa da reedição

“Sempre saio de um romance com a sensação de derrota, de ter jogado a toalha.”

do meu livro, viabilizada pela Companhia das Letras em 2011. Quem fez o contato foi o Emílio Fraia, editor do Vila-Matas no Brasil. O Emílio consultou o autor, e perguntou se ele escreveria um texto para a reedição de *Não há nada lá*. Enviamos o livro, ele leu, aceitou e escreveu.

Ler durante a criação

É complicado ler durante o pro-

cesso de criação. Se você lê um escritor maravilhoso, vai se achar um Zé-Mané. E se ler um outro autor muito ruim, você pode se achar incrivelmente bom. As duas situações podem conduzir um escritor a conclusões equivocadas. É uma situação difícil, mas não deixo de ler enquanto escrevo meus livros. Gosto de ler poesia porque esse gênero tem uma qualidade, a de proporcionar pontos de partida. Às vezes, você encontra uma frase poética que é inspiradora e desperta o desejo de escrever.

Cazuza, Frejat e continuar

Sou inconstante. Já quis ser quadrinista, poeta, cantor de rock, arquiteto, *designer* gráfico e escritor. Nada garante que eu continue a publicar livros. No entanto, acho difícil parar de escrever

“O romancista é vencido pelo cansaço, e abandona o livro quando já não consegue mais ver defeitos nem qualidades.”

porque a escrita é um hábito adquirido e fundamental na minha vida. Se deixar de escrever, vou perder a minha principal ferramenta de expressão, vou me sentir sem voz. Lembro quando o Cazuza saiu do Barão Vermelho, e a banda continuou com o Roberto Frejat no vocal. O Barão Vermelho seguiu produzindo álbuns muito aquém dos gravados na época em que o Cazuza estava na banda. O público diminuiu, houve críticas. Em uma entrevista, um repórter perguntou ao Frejat como fazer para continuar. O Frejat respondeu que não se pode desistir. Se você quiser ser músico, artista, tem de continuar a fazer. Acredito nisso.

Labuta

A maior probabilidade é que um livro não seja escrito. As exigências da sobrevivência, o cotidiano, tudo, absolutamente tudo, atuam contrariamente ao seu desejo de escrever. Sobrevivo da minha imagem de escritor, atuando no jornalismo, com crítica, no mercado editorial, por meio de traduções e palestras. Há todo um sistema relacionado ao universo do livro. Mas não sobrevivo diretamente da minha ficção.

Tempo furtado

Todo mês, tenho de escrever no mínimo dez textos para a imprensa, que é o que garante parte fundamental da minha subsistência. Ou, então, tenho de fazer traduções. Tudo isso rouba energia e suga o tempo que eu poderia utilizar para escrever meus livros. Enquanto estava no Cairo, escrevi o primeiro de uma série de quatro livros. É o projeto de uma epopeia familiar. Escrevi um quarto disso

em 2007 durante um mês no qual eu tinha, em tese, todo o tempo do mundo só para mim. Nunca mais voltei a esse projeto porque nunca mais tive tempo livre.

Toda uma vida

Na Festa Literária de Porto Alegre deste ano, realizada em abril, fiz uma entrevista pública com o César Aira, um dos mais interessantes escritores argentinos contemporâneos. O Aira fez um grande elogio à literatura brasileira, para ele, a mais poderosa do continente. Li o dicionário de autores latino-americanos que ele organizou, no qual são mencionados diversos nomes que nunca ouvi falar, principalmente do século XIX. Na capital gaúcha, Aira confessou ter se apaixonado perdidamente por Guimarães Rosa no fim da juventude, exatamente no período em que começou a escrever ficção — mas leu alguns contos do Rosa, e aquela linguagem visceral despertou nele uma crise brutal. Há autores, como Guimarães Rosa, James Joyce e Jorge Luís Borges, que apresentam um nível de singularidade tamanho, que qualquer tentativa de enveredar por aqueles universos pode adquirir um efeito paródico indesejado ou então mero exercício de cópia. Desenvolver uma dicção ou estilo próprio, o que é um mito, uma lenda que persegue todo escritor, é talvez o passo mais difícil a ser dado. A mera preocupação com isso me parece fruto dos tempos em que a gente vive, no qual há uma ansiedade intensa. Na verdade, um autor precisa de uma vida inteira escrevendo para desenvolver um trabalho próprio, que tenha a sua marca. ■



O jornalista Irineo Netto conversa com Joca Terron no segundo encontro do projeto “Um Escritor na Biblioteca” em 2012.

CONTO



O AMOR DE LINDALVA LHE DOMINAVA A ALMA-ALVA.

Ilustração: **Pedro Gutierrez**

Cecília Prada

O professor ia pelos oitenta e lá vai alguma pedrada. Seco e arcado, magro, de olho cinza esmaecido e uma tossinha renitente. Vinha devagar, penando, ladeira acima — mansa ladeira, a da Academia de Letras, para não desanimar os de provec-ta idade vindos para o chá com bolo e alguns discursos soniferantes. Distração parca, ritual, de quem tem teimas interioranas na tarde e na velhice, ambas calmas. Vivia — sim, como vivia, afinal o homem? Sozinho, em uma pensão. Diziam. Mas como depois se verificou, não era bem assim: sozinho, sim, mas em apartamento próprio, dois quartos e sala, e até área de serviço com inúteis dependências de empregada. Comia em restaurantes de quilo, mas só nos do centro, mais baratos, na montoeira da Rua do Comércio.

Pobre do professor — que nunca se casou, que só teve um emprego, o de professor de Geografia em uma escola particular

da parte abastada da cidade, houve tempos em que até morava no colégio, em um quarto dos fundos, feito caseiro, parecia. Excêntrico, talvez. Pobre, com certeza. De camisa tinha pelo que parecia duas, uma de listinhas rosa, outra branca para solenidades. Engravatado, sempre. Até de paletó, o mais das vezes.

Na hora do chá — que na academia interiorana era com vantagem substituído por café de garrafa térmica, refrigerantes de garrafa tamanho-família, sanduíches de patê de presunto e bolo de chocolate, o professor se fartava. Com a cumplicidade educada dos colegas, que fingiam não ver o tamanho, a quantidade das fatias de bolo que engolia concentrado, em um canto. Coitado, deixa ele comer, o professor, não quer mais um pedaço, um sanduquinho, eu embrulho e o senhor leva — dizia, baixinho Dona Noemia, a mulher do Dr. Olavo, presidente da academia, boa senhora cuja participação no literário sodalício garantia o bem-estar estomacal dos sócios.

De outros aspectos também solícita, Dona Noêmia um dia sussurrou no ouvido do marido: “Sei não, qualquer dia o professor... está tão acabadinho...”. Profetizou. Três dias mais tarde o porteiro do prédio onde ele morava telefonou — o professor fora encontrado morto, sentado no sofá diante da televisão. Ninguém conhecia pessoas de sua família, alguém lembrara da academia, será que...

Solidarizaram-se os sócios do sodalício.

Se desdobraram em indagação, entre a gente bem antiga da cidade, nos cartórios, no arquivo da matriz, no jornal. Nada — não se conseguiu localizar pessoa alguma. A não ser, bem, um fantasma. Sim, lembrou outro antigo professor, havia aquela história, como era mesmo?... Consultou dona Hortência, pianista quase nonagenária de dedos agora enferrujados, depois a Neuma, outra ex-moça, outros ilustres ex-moços, até um antigo pároco que ruminava ainda latim e balas de alfenim. E aos poucos, no de-leve da lembrança, alguém disse um nome: Lindalva. Ainda existiria, a Lindalva? A amada, aquela enfim, que...

Como um retardado clarão a cidade — quer dizer aquele restrito punhadinho de gente daquele tempo, que ainda vivia — começou a perguntar que fim tinha levado a Lindalva, gente! Não falavam até que estavam de casamento marcado, e ela desmanchou, ou morreu, sabe-se lá, e então ele, desiludido...

— Foi sim, coitado. Ele até chegou a comprar uma casinha para eles, mobiliou toda, fez enxoval, comprou tudo, panelas, louça, tudinho, e depois...

Disse um dia a pianista Hortência de dedos enferrujados — em um momento de memória boa.

E aí, o diz-que-disse se espalhou que nem rastilho de pólvora, ruminaram lembranças, informações. Até que um velho farmacêutico, seu Onofre — que na mocidade fizera poemas às moças e agora desfrutava glória literária na Academia, confirmou: “Pois é, a casa ainda existe, ali no Beco do Beijo, gente. Fechadona. Diz que assombrada...”.

(Aos poucos um toque de poesia, essa sim assombrada, ia ao que parece tomando conta da cidade — Beco do Beijo era o nome antigo da atual Travessa Comandante Aragão, em honra de falecido chefe da Polícia. No escuro breu do Beco escusos casais de tempos mais repressivos...)

Enquanto o corpo não-reclamado permanecia na geladeira do velório municipal, os confrades acadêmicos — subitamente redivivos como bando de meninos curiosos — rumavam ao Beco, descobriam a casinha fechada sob arvoredos meio densos, mas limpinha, arrumada... Surgiu uma vizinha com a chave, o professor vinha uma vez por mês, sempre, pagava pela limpeza. Abriu a porta que rangeu um pouco, reumática, expondo o tesouro do amor por Lindalva: a casa impecavelmente arrumada, mobiliada, museu da década de 50 com móveis pé-de-palito, uma rádio-vitrola, uma geladeira importada Westinghouse, aspirador, liquidificador, e nos armários profusão de lençóis virginalmente dobrados, uma colcha de fustão, uma camisola cor de rosa provida de laçarote branco em uma caixa da Casa Anglo-Brasileira, de São Paulo, em cima da

penteadeira frascos fechados de perfumes, Ca-bochard, Je Reviens, Chanel no.5. Um par de óculos ray-ban, ainda na caixa.

— Faz tempo que...

— Ah, faz muito tempo sim senhor, respondeu a faxineira. Minha mãe já trabalhava para limpar a casa para o Professor. A outra também.

Que outra? O apartamento? — perguntaram.

— Não senhor. A outra que é igual esta, toda mobiliada, nem ninguém nunca morou também, não senhor. Que fica lá do outro lado, depois da estação, sabe?

O espanto caiu sobre os acadêmicos varando toneladas de tédio acumuladas. Anzol de rejuvenescimento — fofocas variadas se esteleceram.

De repente, todo mundo lembrou pedaços de histórias sobre o professor e seus hábitos. Foram ver a casa de perto da estação. E depois, descoberta ao acaso, outra, em uma ruela atrás da igreja da Boa Morte. E outra...

Pasma, a cidade — que ignorara o professor, sua vida, seu sonho — acabou por descobrir exatamente seis casinhas que pareciam de boneca, espalhadas pela cidade. Todinhas mobiliadas até os mínimos detalhes, roupas de cama e mesa, talheres, sacarroalha, paliteiro, radinho de pilha, tapetinho do banheiro, touca para o vaso sanitário... a Lindalva imaginária residira inteira, incorporada à figura magérrima, de tão distinta sobriedade, do caro professor.

Quem ficou muito feliz — dizem — foi um sobrinho distante e herdeiro, enfim surgido depois das convocações feitas em vários jornais do interior. E em cuja presença enfim se retirou da sinistra geladeira o corpo do tio, finalmente despachado para o país dos sonhos eternos com dois discursos rápidos de membros da academia — era dia de chuva e muito frio.

E mais não se falou, do caso e do professor. ■

 **Cecilia Prada** nasceu em Bragança Paulista (SP), em 1929. Ficcionalista, jornalista, ex-diplomata de carreira, historiadora e tradutora, publicou, entre outros, *O caos na sala de jantar* (1978) – Prêmio Revelação de Autor/APCA. Vive em Campinas (SP).

Tradição resgatada

Em sua primeira edição, Prêmio Paraná de Literatura vai selecionar livros inéditos, de autores de todo o País, nas categorias romance, conto e poesia



DA REDAÇÃO

A Secretaria da Cultura do Paraná, por meio da Biblioteca Pública do Paraná, lançou no final de junho o Prêmio Paraná de Literatura 2012. Em sua primeira edição, o concurso vai selecionar livros inéditos, de autores de todo o País, em três categorias que homenageiam figuras importantes da literatura paranaense: Romance (prêmio Manoel Carlos Karam), Contos (prêmio Newton Sampaio) e Poesia (prêmio Helena Kolody).

O vencedor de cada categoria receberá R\$ 40 mil e terá sua obra publicada pela Biblioteca Pública do Paraná, com tiragem de mil exemplares. Os premiados também receberão 100 cópias de seus livros. As obras concorrentes serão avaliadas por uma comissão julgadora formada por um presidente e nove membros (três em cada categoria).

As inscrições são gratuitas e devem ser feitas até o dia 31 de agosto deste ano. O resultado será divulgado

na primeira quinzena de dezembro. O edital do Prêmio Paraná de Literatura 2012 está disponível nos sites da Secretaria da Cultura do Paraná (cultura.pr.gov.br) e da Biblioteca Pública do Paraná (bpp.pr.gov.br).

Criado para figurar entre os principais concursos literários do Brasil, o Prêmio Paraná de Literatura combina uma premiação de valor expressivo com a publicação das obras vencedoras. E, além de ter seus livros distribuídos para as principais bibliotecas do País, os autores premiados poderão reeditar os títulos comercialmente.

“Mas, acima de tudo, trata-se de um dos prêmios mais democráticos no País, pois aceitará obras inéditas de quaisquer autores. Poderemos premiar um autor consagrado ou iniciante”, afirma Rogério Pereira, diretor da Biblioteca Pública do Paraná. Para ele, o prêmio valoriza a produção literária brasileira e cria mais um espaço para a discussão e divulgação de livros.

Tradição

Segundo Pereira, o Prêmio Paraná de Literatura surge da necessidade de o Estado voltar a ser um dos protagonistas nacionais em relação a concursos literários. Ele lembra que, entre os anos 1960 e 1980, o Governo do Paraná promoveu o Concurso Nacional de Contos, que revelou e premiou grandes autores.

Na primeira edição, realizada em 1968, Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Luiz Vilella e Samuel Rawet figuraram entre os vencedores. Nos anos seguintes, escritores como Clarice Lispector, Marcos Rey, Rubem Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão também foram premiados.

Pereira também destaca a tradição paranaense na publicação de jornais e revistas literárias (*Joaquim, Nicolau, Cândido*, etc.) e o reconhecimento internacional de autores como Dalton Trevisan e Cristóvão Tezza. “A criação do prêmio consolida ainda mais o Paraná como um dos Estados mais importantes dos cenários literário e cultural do País”, diz. ■

Seis problemas para a poesia, hoje

O crítico **Luís Augusto Fischer** defende que a poesia está condenada à liberdade, tornando inteligível o que ainda não o é, mas precisa ser

Ilustrações:
Léo Gibran



O que pode fazer o poeta em nossos dias? Certo, lidar com palavras, a luta mais vã e mais irrenunciável para quem do ramo. Mas até onde vai isso? Até quando? E o leitor, está interessado, ou ao menos pode vir a se interessar em poesia, nesta terra brasileira, a terra da talvez mais vigorosa canção do mundo no século XX, canção que é a forma artística que entre nós mais soube acomodar um aporte letrado de grande sofisticação, sem perder nem a ternura, nem a capacidade de ser ouvida?

Em busca da resposta, no meio do caminho crítico tropeçamos com dois grandes textos, já clássicos, escritos por dois autores de família crítica diversa e de distintas gerações, ainda que muito se assemelhem em alguns contornos culturais. A “Palestra sobre lírica e sociedade” foi proferida por Theodor Adorno (1903-1969) em 1957 e está publicada em *Notas de literatura I* (tradução de Jorge de Almeida, editado pelas editoras Duas Cidades e 34, São Paulo, 2003). Já o ensaio “Linguística e poética”, de George Steiner (nascido em 1929), é de 1970 e foi concebido num contexto agora já histórico, quando o estruturalismo começava a tornar-se hegemônico na universidade e a linguística mostrou apetite para ser uma ciência imperialista, avançando territórios de tudo quanto foi humanidade. O texto foi publicado no Brasil em *Extraterritorial – A literatura e a revolução da linguagem* (Tradução de Júlio Castañon Guimarães, São Paulo, editora Cia. das Letras, 1990).

Serão seis pontos, tirados dos citados ensaios, os marcos da reflexão. Não são os únicos ali presentes, mas não deverão ser irrelevantes, espero. Servirão para pensar sobre tanto poeta interessante em nossa língua e tempo, maduros como Paulo Neves, Francisco Alvim e Paulo Henriques Britto, ou mais jovens como Alberto Martins, Leandro Sarmatz e Guto Leite — para citar apenas seis, e com isso incidindo em enorme

imprecisão e cometendo injustiça talvez indesculpável.

1. VEICULAR A UTOPIA. Adorno especula sobre a dinâmica existente entre o traço individual exigido pela experiência da produção poética, de um lado, e a capacidade da poesia em enunciar o universal humano: “A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal.” Ela carrega em si “algo de não distorcido, de não captado, de ainda não subsumido, *anunciando*, desse modo, *por antecipação*, *algo de um estado em que nenhum universal ruim*, ou seja, no fundo algo particular, *acorrente o outro, o universal humano*”, com itálico meu. Dito em termos simples: Adorno vê como marca da poesia uma condição por assim dizer profética, de antecipação; ela é necessariamente utópica, pois aponta para a liberdade em relação às restrições particulares, para a vigência do universal humano em detrimento das especificidades.

Alguém poderá rechaçar esse comentário como antigo, fenecido, próprio do tempo das utopias anteriores ao atual pragmatismo, este fundamento civilizacional em tudo análogo ao império do mercado. Mas será mesmo morto o raciocínio adorniano? Digamos que Adorno tenha flagrado um traço da poesia moderna em sentido geral, aquela que, sem viver mais das relativas facilidades da vanguarda (em que parecem bastar os gritos e os manifestos para a poesia encontrar validade pública), mas igualmente sem as ilusões da ressonância imediata, uma vez que esta se perdeu já com Baudelaire, tendo se convertido já naquela hora em lamentação pela irrelevância social ou em fuga para alguma torre de marfim, alguma nuvem sinestésica, alguma pasárgada. Poesia moderna: aquela que veicula alguma utopia na base de contrariar o universal ruim. Tarefa ainda relevante, creio: a poesia apontando a insuficiência do real e insinuando a possi-

bilidade da liberdade.

2. ULTRAPASSAR A IDEOLOGIA, PRATICAR A LIBERDADE.

O mesmo ensaio de Adorno convoca ao campo de luta o velho inimigo do marxismo, a ideologia, em seu sentido quase elementar de falsa consciência, de mistificação, para afirmar que a poesia, como toda obra de arte verdadeira, “têm sua grandeza unicamente em deixarem falar aquilo que a ideologia esconde”. Não por outro motivo, o poeta é exemplo de liberdade, já que “somente a pouquíssimos homens (...) foi dado apreender o universal no mergulho em si mesmos, ou foi permitido que se desenvolvessem como sujeitos autônomos, capazes de se expressar livremente”.

A condição geral em nossa vida é a da privação da liberdade, e é contra esse estado de coisas que a poesia precisa se organizar, desvendando os mecanismos e dando a conhecer os implícitos da dominação, para oferecer enfim o exemplo aos incontáveis homens que deveriam usufruir da condição autônoma, mas que mal escutam sua própria voz, os dominados, os oprimidos, em cuja mísera voz “se enlaçam o sofrimento e o sonho”. Tarefa ainda cabível para a prática da poesia, se ela quer ser mais do que mera reduplicação da trivialidade cotidiana, mais do que consolo paralisante.

3. POTENCIALIZAR A LINGUAGEM COMUM.

Já Steiner lembra que “em poesia, exceto nos limites extremos do verso esotérico ou absurdo, as forças principais são as da expressividade comum”. De minha parte, assino embaixo: é da língua cotidiana que o poeta tira a força essencial de sua arte. Precisa ser dela. Os exemplos da melhor poesia de nossa língua são eloquentes dessa condição. (Um poeta de obra problemática, mas por certo relevante, falecido há pouco, Bruno Tolentino, serve para a reflexão. Lendo-o, em suas páginas abundantes,

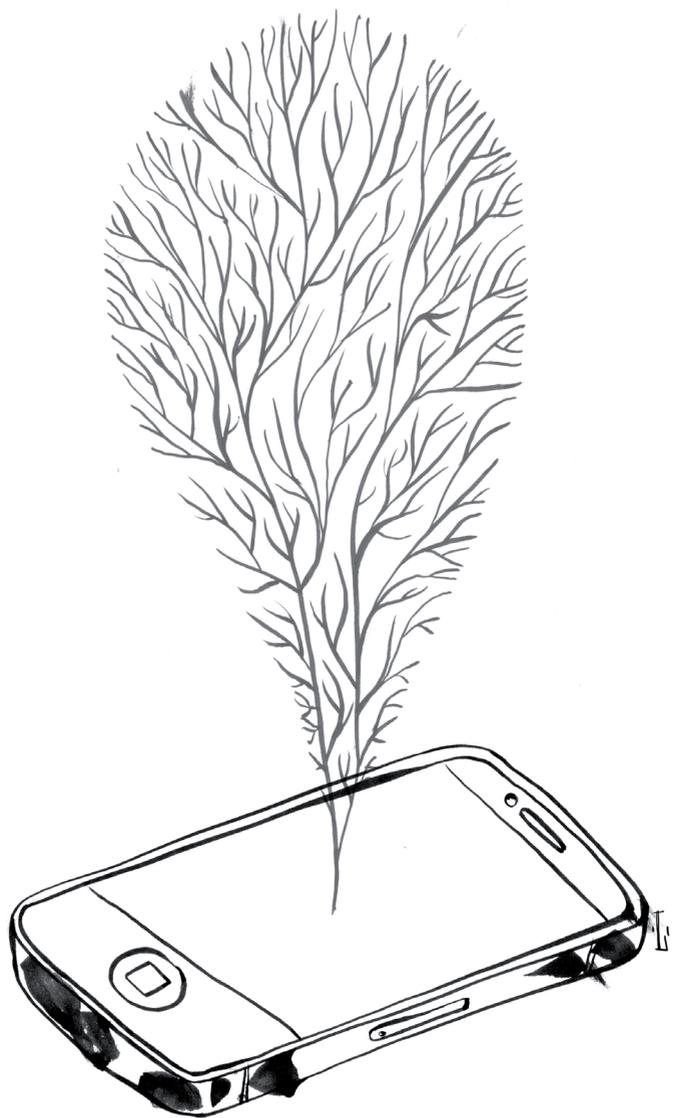
em sua enorme capacidade de enganchar versos em outros versos, em seu antivanguardismo militante, lendo-o a gente tem a sensação de quão vasta é a região semântica inundada pela língua portuguesa: são páginas e páginas, em poemas copiosos, com um repertório vocabular vastíssimo e nunca artificial, nunca preciosista, nunca com criação de palavras em laboratório. Confira.)

Não será impossível ao poeta brasileiro de hoje entender essa verdade geral, em suma. Mas a ele se opõe uma das forças maiores entre as que minaram seu prestígio: a canção popular. No Brasil, por obra do imponderável acaso, mas muito mais do maciço analfabetismo (tanto o funcional, quanto o literário), ocorreu que excelentes artistas letrados aportaram no cais da canção, forma popular e desprestigiada nas classes educadas à francesa, e desse casamento resultou a parte maior do tesouro cancionário brasileiro. Pense em Noel Rosa, Ary Barroso, Caymmi, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, Caetano Veloso, Paulinho da Viola, para não alongar muito a enumeração. Agora pense a cultura brasileira *sem* eles — e estará feita a demonstração de sua centralidade no patrimônio da lírica de nosso país e de nossa língua. *Eles* é que fizeram a expressividade comum ganhar os mais altos lugares artísticos, no último meio século; é com eles que o brasileiro tem sua educação sentimental.

4. PERSUADIR O CIDADÃO LEITOR. O mesmo Steiner observa, a certa altura do ensaio: “Nas sociedades políticas em que as artes do governo e da administração pública eram em grande medida as da formulação persuasiva, o poeta era exemplar supremo da fala eficiente”. E exemplifica: “Em Homero, um homem podia encontrar citações para organizar para si (...) quase qualquer postura de experiência cívica, militar e doméstica”. Quer isso dizer que o poeta era também um sábio, um homem-ar-

tista a quem se podia recorrer para encontrar interpretações consistentes do mundo, do estar-no-mundo, na forma concentrada de máximas, frases, sentenças. O prezado leitor poderá objetar que isso era no tempo em que não havia nem internet, nem TV, nem rádio, nem jornal, nem mesmo livro impresso, e terá razão: o comentário de Steiner se refere a um tempo velho, passado. Segundo seu estudo já clássico, Hugo Friedrich observou que a poesia, nessas épocas, estava em relação de ressonância com a expectativa pública, o leitor e o poeta ecoando um no outro, a poesia funcionando como um quadro ideal da vida; bem ao contrário do que aconteceu depois do Simbolismo, quando a poesia passou a operar em dissonância com a expectativa do leitor médio, isto é, a poesia passou a encarar-se como uma operação contra o leitor, do mesmo modo como aconteceu na música, na pintura, etc.

Mas nem essa distância impede de ver que neste nosso jovem século XXI algo de estranhamente familiar ao quadro acima acontece: também há sociedades controladas, agora mais que antes, e também há fala eficiente. Mas esta é, agora, protagonizada pela publicidade: este é o paradigma da linguagem do poder agora. Como vive, como pode viver a poesia sob tal controle, sob tal eficiência? A poesia de nosso tempo sabe contrapor-se à publicidade, de tal modo que possa desfazer a dominação, apontando para a autonomia e a liberdade? Mas não está a poesia de nossos dias fortemente emparceirada com a publicidade? (Hoje a posição do escritor como sábio a quem se pode recorrer em busca de citações é ocupada pelos publicitários, tanto os que sabem que são isso quanto os que não sabem, mas são; os organizadores de compilações de frases de efeito, que resultam em livros como *Shakespeare para maridos traídos*, ou *Marquês de Sade para monges*, etc.) (Calma: esses livros não existem, acabei de inventar os



títulos.) (“Ei, isso é uma boa ideia”, diz o publicitário ali ao fundo...)

5. EXPRESSAR PARA FAZER EXISTIR. Uma vereda de grande interesse no ensaio de Steiner adentra o território da poesia convencional, da poesia de tipo neoclássica. Ele fala do século XVIII, mas penso que o que quer dizer vale para qualquer neoclassicismo, seja ele de tipo parnasiano, seja ele de tipo concretista ou outro, qualquer um. Nesses casos, em que encontramos uma tendência moralizante nas entrelinhas, “o trabalho literário seria julgado não como artefato linguístico, definindo seus próprios padrões estilizados, extraterritoriais, de verdade e pertinência; seria visto por seu conteúdo ético explícito, e assim julgado”. Troco em miúdos muito meus: qualquer neoclassicismo, quer dizer, qualquer poesia que se propõe repetir ou reiterar padrões formais já existentes, sem ímpeto paródico, mas ao contrário com reverência (mesmo a reverência a antigas vanguardas libertárias, que também é uma reverência, como por exemplo as renovadas loas, perfeitamente irrelevantes mas de grande curso público, ao modernismo paulista, em alguma de suas versões, como neste 2012 se repetiram, aos 90 anos da Semana de Arte aquela) — qualquer neoclassicismo, repito, exige ser lido mais pela ética que esposa do que pela estética que pratica.

É uma facilidade, portanto, para o poeta a atitude neoclássica; mas é também uma decretação de sua secundariedade. Daí que a melhor poesia em nossos dias deva andar em outra trilha, que não qualquer das trilhas neoclássicas: uma trilha a ser inventada, uma condenação sartreana à liberdade, que obriga a escrever para tornar inteligível o que ainda não o é mas precisa ser. Dar nome às práticas, às figuras, às emoções; revivê-las em palavras, em nomes. Eu acrescentaria que tal é também a tarefa de

quem, não sendo poeta, divulga ou comenta a poesia, em qualquer meio, do jornal à sala de aula: desmascarar os neoclassicismos em sua dimensão ética, para poder ler suas entranhas conservadoras, e propiciar a autonomia da leitura, para formar o leitor livre.

6. ENFRENTAR OS MAIORES. Olhando a tradição literária pelo lado mais interessante, é dever acompanhar Steiner na pergunta seguinte: “A presença de um Shakespeare (ou, de modo análogo, de um Dante, Cervantes ou Goethe) em uma língua inibe o desenvolvimento de recursos posteriores?” No Brasil temos marcos incontornáveis na longa estrada da vida poética: Drummond, João Cabral, Bandeira e outros; no português, temos ainda Camões e Fernando Pessoa. Renegá-los? Tem como?

Não tem como, e nisso vai parte grande da alma da poesia, hoje. Não havendo como escapar de suas teias os citados poetas já nos definiram, a nós letrados, tanto quanto Noel, Vinícius e Chico definiram a todo o brasileiro vivo e respirando, mesmo que estes sejam conhecidos apenas por versões baratas, por diluidores —, o caso é enfrentá-los. O troço é freudiano: se tem fantasma, tem que convocá-lo para um encontro ao meio-dia, em qualquer encruzilhada da fala e da escritura. Só medindo as forças com eles é que vamos sair do lugar, como acontece com filhos e pais, poetas angustiados e seus tutores imponentes. Mas que custa, custa.

Sendo otimista, dá para concluir como Steiner (não como o negativo Adorno): esses problemas são nosso patrimônio maior, agora; sobre eles se ergue “o fascínio do trabalho que está pela frente”. ■

 **Luís Augusto Fischer** é professor de literatura brasileira na UFRGS. É autor de, entre outros livros, *Machado e Borges – e outros ensaios sobre Machado de Assis*. Vive em Porto Alegre (RS).



Poesia vende (mas pouco)

Ilustração:
Estelli Flores

Publicar material poético é um ato de resistência cultural que atende um público pequeno, porém cativo

OMAR GODOY

Sabe-se muito pouco sobre o desempenho comercial dos livros de poesia no Brasil. Não há sequer um controle bibliográfico com relação ao gênero. Mas basta visitar uma livraria para constatar que o espaço físico destinado aos títulos poéticos é ínfimo — e praticamente escondido. Trata-se de um segmento de mercado tão restrito, que mesmo os editores não se acanham em defini-lo como “marginal”.

“Quase não existe mercado para a poesia no Brasil, sobretudo para autores novos”, afirma Jorge Viveiros de Castro, dono da editora 7Letras. Com a experiência de quem já publicou mais de 700 títulos desde o final dos anos 1990, ele explica que poetas ainda desconhecidos do grande público raramente ultrapassam a marca dos 600 exemplares vendidos. “Se a 7Letras vendesse apenas poesia, é bem provável que eu não estivesse mais trabalhando com isso hoje”, diz.

Segundo Castro, a trajetória de um bom poeta rumo ao reconhecimento sempre é longa — ao contrário do que acontece com os melhores prosadores. Não à toa, os livros mais vendidos do gênero são de autores mortos ou



de idade mais avançada (Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros, etc.). “Os poetas falam das coisas do mundo de um jeito diferente, por isso muitos deles acabam sendo aclamados só pelas gerações seguintes a sua. É praticamente impossível um poeta novo dar retorno comercial”, garante.

Marta Garcia, editora da Companhia das Letras, vai além e garante que não existe *best-seller* de poesia. “Mesmo os autores razoavelmente conhecidos que a gente publica, como Eucanaã Ferraz e Paulo Henriques Britto, não conseguem grandes vendagens”, conta. A exceção, segundo ela, são os livros adotados em escolas ou comprados pelo governo (quase sempre de autores consagrados).

Por outro lado, o índice de leitura de poesia entre os brasileiros é surpreendentemente positivo. Pelo menos é o que indica a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, promovida pelo Instituto Pró-Livro com cerca de 5 mil pessoas em 315 municípios de todos os Estados do país. De acordo com o último levantamento, realizado entre junho e julho do ano passado, o gênero poético está em sétimo lugar na preferência dos entrevistados, à frente de gêneros como autoajuda e biografia.

Obviamente, o dado não se reflete no mercado editorial. Mas, se o brasileiro costuma mesmo ler poesia, por que esse interesse não é traduzido em vendas? “Acho que os entrevistados estavam se referindo a uma poesia mais açucarada, popular”, opina Marta.

“Talvez até exista mais gente interessada, mas os números comerciais continuam praticamente os mesmos de quando eu comecei a editar. E não devem mudar”, diz Castro, que em 2011 lançou os primeiros livros digitais da 7Letras. De acordo com ele, a poesia ganhou fôlego e novos fãs com a internet, apesar de concorrer com

outros atrativos virtuais. “O texto poético se presta muito bem à veiculação *online*, pois cabe perfeitamente na tela do computador. O problema é que o internauta tem cada vez menos tempo para ler, já que divide sua atenção com os jogos, portais de notícias, redes sociais, etc.”

Para Pascoal Soto, diretor editorial da Leya, é importante entender o perfil do leitor de poesia — que, muitas vezes, prefere comprar reedições de seus livros preferidos em vez de apostar em nomes iniciantes. “Eu mesmo releio Fernando Pessoa há 20 anos e, nesse meio tempo, me interessei pouco por outros poetas”, revela o editor, conhecido por seu trabalho com a obra de Manoel de Barros.

Soto, no entanto, se diz espantado com a expressiva quantidade de saraus e outros eventos de leitura poética organizados Brasil afora nos últimos anos. “Existe uma produção marginal que não está interessada em chegar ao grande público. O que não significa que eu não receba muito material de autores anônimos”, conta o editor, que atualmente trabalha num livro de poesias do músico e ativista social carioca Marcelo Yuka.

Especulações à parte, o fato é que publicar poesia sempre foi um ato de resistência cultural, que atende um público pequeno, porém cativo. “Estamos falando daquele que talvez seja o gênero literário mais antigo. Enquanto a humanidade estiver por aqui, a poesia existirá”, diz Soto. “A poesia é fundamental para a literatura. Não se pode desistir de publicá-la, ainda que em tiragens menores”, afirma Marta.

Autopublicação

Em um artigo publicado recentemente na *Folha de S. Paulo*, Ferreira Gullar não deixa pedra sobre pedra em sua avaliação do mercado editorial de poesia. “Livro de poesia vende pouco e de poeta desconhecido não vende nada. Nenhum editor, em seu juízo perfeito, entra numa fria dessas”, escreve o autor mara-

nhense, para em seguida citar vários poetas consagrados que só conseguiram estreitar na literatura custeando a publicação de seus primeiros trabalhos.

Gullar fala de uma época em que o processo de produção gráfica de um livro beirava o artesanal. Hoje em dia, com as novas tecnologias, a autopublicação é um caminho ainda mais natural para os autores iniciantes. “De um ano para cá, estamos imprimindo exemplares por demanda. Ou seja: o que a gente fazia por meio de malabarismos quando começamos, no início dos anos 1990, finalmente se tornou realidade”, conta Jorge Viveiros de Castro, que costuma dividir os custos de impressão com os autores editados pela 7Letras.

“Acho que não conheço nenhum poeta da minha geração que já começou publicando por uma grande editora”, diz Fabrício Corsaletti. O autor de *Esquimó* (2010) estreou na literatura com a ajuda financeira do pai e hoje é editado pela Companhia das Letras, porém não se encanta com a estrutura mais profissional de que dispõe atualmente. “Claro que é ótimo ter uma distribuição melhor e mais visibilidade na imprensa. Meu último livro ganhou matéria em quase todos os veículos que tratam de literatura, mas a verdade é que poesia vende pouco mesmo, as tiragens nunca se esgotam.”

Segundo ele, embora todo mundo diga que gosta de poesia (daí o bom desempenho do gênero na pesquisa do Instituto Pró-Livro), há raríssimos leitores — inclusive entre seus amigos mais fanáticos por literatura. E se existe um culpado por isso, talvez seja a escola, e não os editores — o contrário do que afirmam os poetas mais queixosos.

Para Corsaletti, é equivocado pensar que as editoras não sabem vender poesia. “As pessoas vendem qualquer coisa. Já venderam até aquelas facas Ginsu! Se existisse uma fórmula comercial para a poesia, já estaríamos todos ricos”, afirma. ■

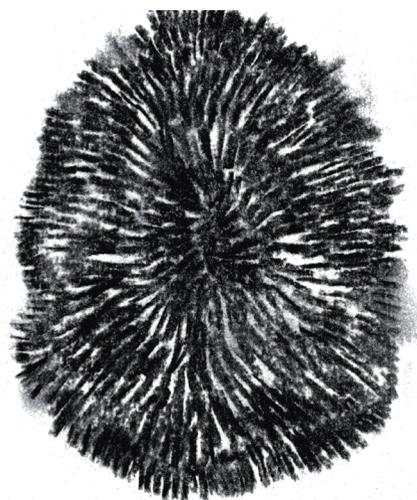
Vida e morte literária

Armando Freitas Filho

A crítica de estimação põe a coleira no pescoço do literato e mostra a pérola aos porcos, digo, aos outros que só comem ostras pobres.

O literato tira do livro a tiragem de um exemplar para a crítica de estimação sem correr o risco dos olhos de traça roerem a recepção.

O literato vira-lata se deixa adotar, mas em vez de aliança algema a mão da crítica, e exige resenha automática e pontual antes, durante e depois.



E assim vão os dois, fiéis até a morte mútua, condenados às suas fidelidades férreas limitantes, presos um pelo outro, na estimação.

 **Armando Freitas Filho** nasceu no Rio de Janeiro, em 1940. Poeta, publicou, entre outros, os livros *Palavra, poesia* (1963), *Raro mar* (2006) e *Lar* (2009). Vive no Rio de Janeiro (RJ).

uma igreja

Rodrigo Madeira

nada é mais patético e belo e difícil que a igreja abandonada:

o capim no altar, as goteiras a infiltração das estrelas

e as velas gastas como pequenos pilares do escuro.

nunca vi uma igreja baldia mas

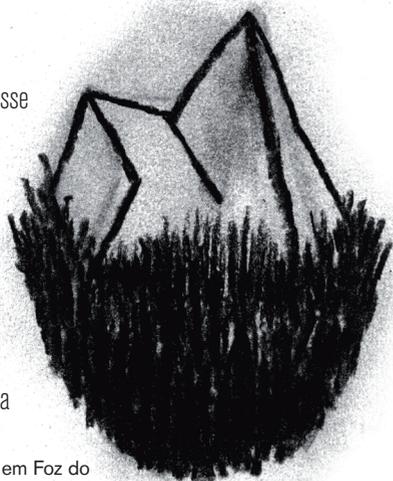
se agora a vejo (as lembranças tomadas de mato e uma única açucena)

algo em mim que remontasse campeia por dentro monta ali acampamento ou indigência

e lembro

da poesia, do amor que não se lembra

 **Rodrigo Madeira** nasceu em Foz do Iguaçu, em 1979. Poeta, é autor de *Sol sem pálpebras* (2007) e *Pássaro ruim* (2009). Vive em Curitiba (PR).



canção de amor e ódio

Fernando Koproski

onde você estava que ainda não notou que em Curitiba suicida que é suicida ama a vida só não vê sua paixão correspondida

onde você estava que ainda não notou que nós passamos a vida sonhando em se mudar desse lugar mas quando chega a hora da partida

ah, a gente ainda hesita demais às vezes diz que vai mas não vai até que um corvo suspira: nunca mais e a gente vai pra São José dos Pinhais

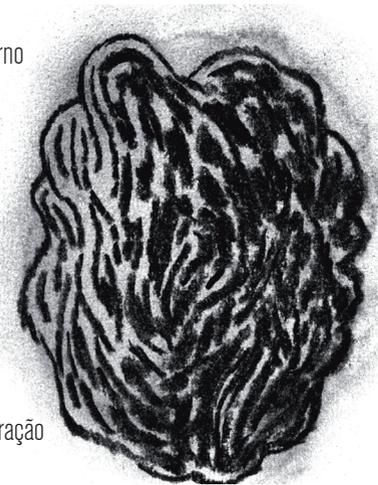
mas se o sol hesita, a gente aflita dessa cidade só pensa em se matar de vinho, vodka, solidão, neurose tomo nas veias uma overdose de inverno

e sonho em ser eterno uma vez mais e sonho em ser eterno uma vez mais e sonho em ser eterno uma vez mais e sonho em ser eterno uma vez mais

antes que mais uma vez eu repita Curitiba, um novo toc agora tanto faz mas dá um tempo nessa obsessão de fazer eu te levar nas costas, no coração

não espero que você um dia coincida com minha dor, só quero que você deixe de ser nos versos convencida eu sonho em ser eterno só uma vez na vida

 **Fernando Koproski** nasceu em Curitiba, em 1973. Publicou *Nunca seremos tão felizes como agora* (2009), entre outros livros. Traduziu poemas de Charles Bukowski no livro *Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo amém*. Vive em São José dos Pinhais (PR).



Duasperfídias

Francisco **Alvim**

1

Salvadesilvos

Este cascavel

dobrei-o

contrito

Genuflexo

Carrego-o comigo

em meu bolso –

enrodilhado

Naquele em que jamais

meto a mão

2

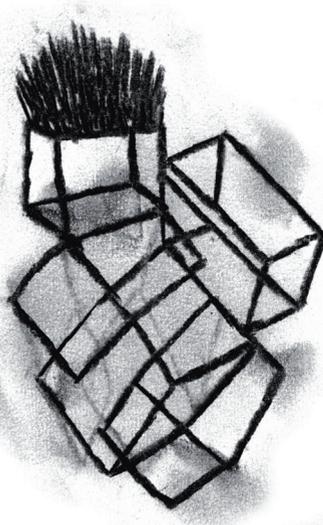
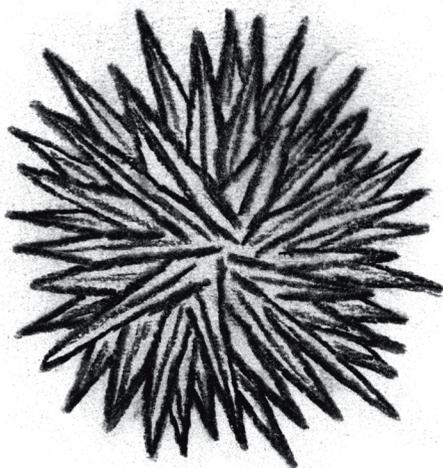
eaí?

Se eu morrer

quem vai tomar conta

de minhas coisas?

Francisco Alvim nasceu em Araxá (MG), em 1938. Diplomata, estreou na poesia com *O sol dos cegos* (1968). Integrou o lendário grupo Frenesi, durante a década de 1970. Também publicou, entre outros, os livros *Passatempo* (1974) e *Elefante* (2000). Vive em Brasília (DF).



Um saco de gato, poesia, cão e prosa

Ricardo **Corona**

“O mundo está dividido entre aqueles que gostam de cães

e aqueles que gostam de gatos”, diz a máxima. No mínimo,

Jean Burden dividiu ainda mais ao desdobrar o dito para o mundo literato:

“cão é prosa e gato, poesia”.

Do lado canino da metáfora

as provas de que o cão é prosa: O cão baba quando ladra ou lambe

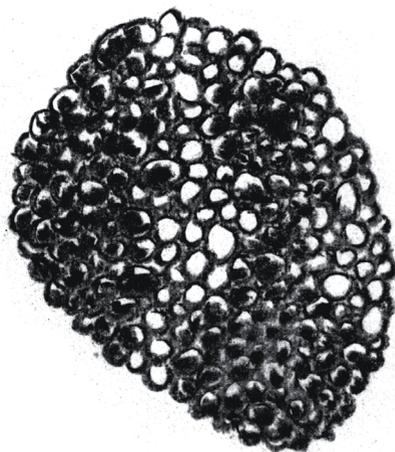
e sua saliva lubrifica uma língua de fôlego. Do lado felino da metáfora

os fatos para a poesia ser gato: O gato não baba quando mia ou lambe

e sua saliva – à míngua e ácida – vem de uma língua lixa, enxuta.

O cão e a prosa são fiéis até o fim. O cão ao seu dono. A prosa

ao começo-meio-fim. Descontando Joyce, Beckett, Rosa...



O gato e a poesia traem mais. Ao ser traduzida, a poesia trai.

O gato, dependendo do trato, troca de dono, foge de casa.

Não que o gato seja pior e o cão melhor. Apenas um não é outro e outro, não é um.

Outrossim, entre sim e não, eis o peso da palavra de T. S. Eliot:

Again I must remind you that
A dog's a dog – a cat's a cat.

Não que a poesia seja menos e a prosa mais. Apenas a poesia mia e a prosa late.

Ricardo Corona nasceu em Pato Branco (PR), em 1962. Poeta, é autor dos livros *Cinemaginário* (1999), *Corpo sutil* (2005) e do livro de prosa *¿Ahn?* (2012). O poema publicado aqui faz parte do livro inédito *Gugu gagá*. Vive em Curitiba (PR).

Terei de amar gafanhotos

Nuno **Ramos**

como um profeta, pedir perdão às formigas que matei (milhares)

às asas dos besouros que arranquei, às barbatanas de tubarão que comi terei de amar cada mariposa e mesmo o creme adstringente culinário que sai de dentro das baratas espatifadas sob a sola da sandália? Sim, terá.

E ainda por cima voltar vestido de duende uma glande enorme, condão, tocando o pelo dos bichos dizendo alto o nome deles, em sua própria língua? Elefante, sou eu dromedário, eis aqui o teu irmão? Terei de voltar voltar para sempre apontando o dedo enumerando o que já é real sem mim, mas não propriamente vivo sem mim? Por que amei assim, se serei punido? Por que não me deixam ir sem a sombra de um verso sem abraçar a pele imunda do que, jacaré, já morreu? Porque toquei minha carneira com meu dedo afundei a digital na cona dela e vi o branco dos seus olhos entre os cílios, sob a cúpula cheia de uma luz pesada mas sempre (sempre) transparente, como o alto de uma ogiva gótica misturado ao interior viscoso de uma jabuticaba terei de amar o que não é meu, matéria confusa, pelanca física que tento cantar? Sim, terá.

Nuno Ramos nasceu em São Paulo, em 1960. Formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é pintor, desenhista, escultor, cineasta, cenógrafo e compositor. É autor, entre outros, dos livros *O pão do corvo* (2001), *Ó* (2008) e *O mau vidraceiro* (2010). O poema publicado aqui faz parte do livro inédito *Sermões*. Vive em São Paulo (SP).

Lírica que ultrapassa os limites da Rua XV

Apesar de uma tradição de um pouco mais de um século, a nova geração de poetas locais obtém repercussão e reconhecimento em outros Estados e até no exterior

FELIPE KRYMINICE

Em um bate-papo na Biblioteca Pública do Paraná, Helena Koldy contou ao também poeta Paulo Leminski que percebia a existência de alguns grupos e movimentos de poetas locais relevantes. Disse que eles “se organizavam, se desfaziam e se recompunham ao sabor das marés”. A autora destacou um grupo que, na época, se organizava no Largo da Ordem, no Setor Histórico da capital paranaense.

A conversa entre Helena e Leminski, dois dos principais nomes da literatura paranaense, aconteceu durante a década de 1980 — e a observação da autora, que este ano faria cem anos, tem algo de profético (e atual). Hoje, a alguns metros do mesmo Largo, é o Wonka Bar que abre espaço para poetas e simpatizantes de poesia nas noites das terças-feiras.

O projeto Vox Urbe é uma continuação do Porão Loquax, idealizado em 2006 pela empresária Ieda Godoy



João Pedro Braun

Em voz alta: Ricardo Pozzo é o responsável pela seleção dos poetas que se apresentam no porão do Wonka.

e pelo poeta Mário Domingues. Desde 2011, a proposta, agora rebatizada, atrai autores e público que, além de poemas em voz, podem sorver sopa e vinho.

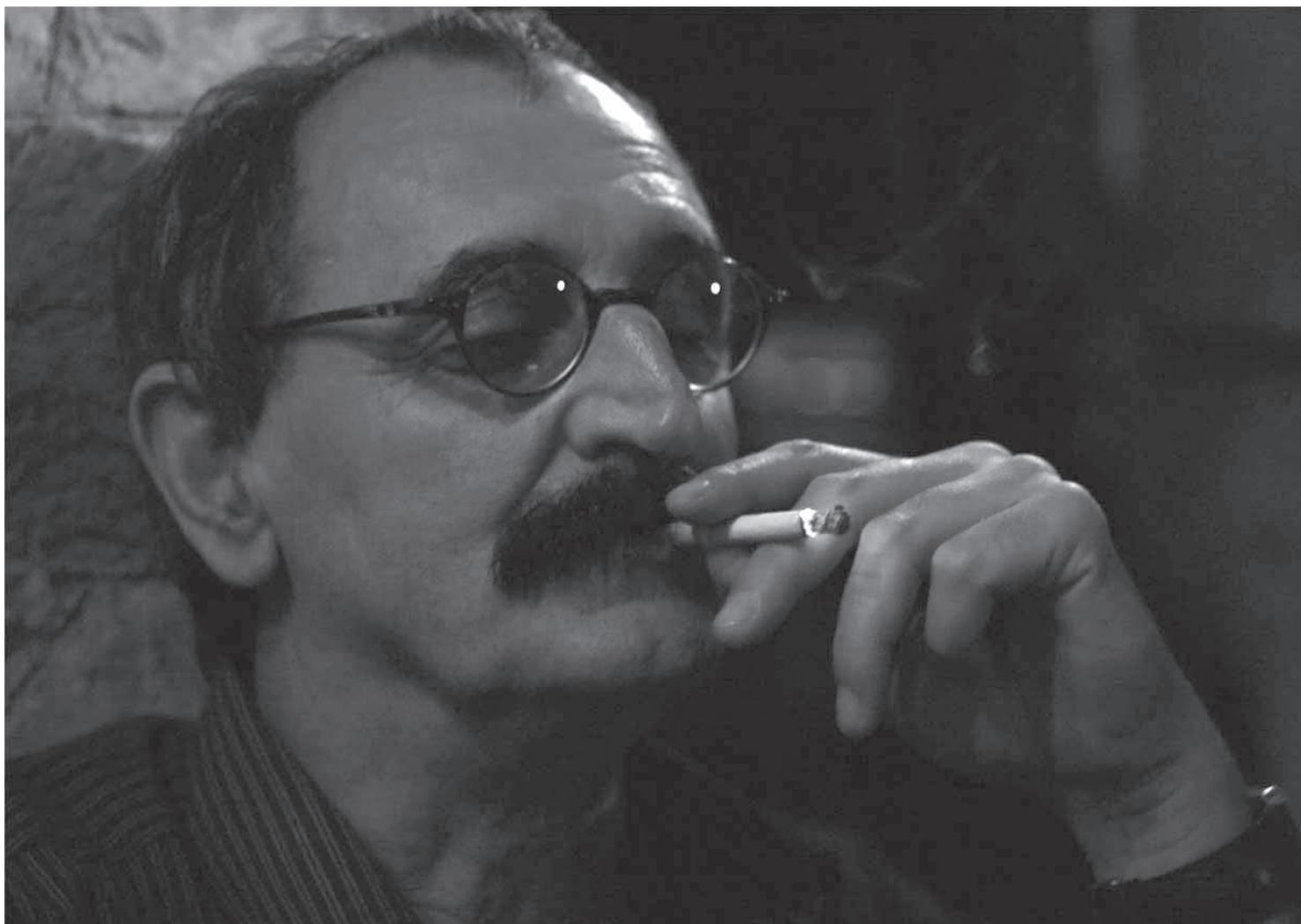
“Anteriormente, aconteciam movimentos isolados e não havia diálogo e aproximação real entre os poetas daqui. Agora não. Esses projetos permitiram contato entre o pessoal que curte e faz poesia”, afirma Ricardo Pozzo, poeta e curador do projeto atual. Pelo porão do Wonka já passaram, entre outros, Edson Falcão, Ivan Justen Santana, Zeca Corrêa Leite, Estrela Leminski, Flávio Jacobsen, Fernando Koproski, Jorge Barbosa Filho, Paulo Bearzoti, Assionara Souza, Roberto Prado, Márcio Américo, Bárbara Lia e Alexandre França.

Atividades promovidas pelo Sesc Paço da Liberdade, no centro de Curitiba, também são mencionadas pelo curador das noites líricas do Wonka como responsáveis pelo amadurecimento do cenário cultural de Curitiba. “Essas trocas entre os escritores, e a aproximação com o público, acabaram repercutindo positivamente na produção como um todo”, afirma.

O resultado dessa movimentação mencionada por Pozzo pode ser percebida pela quantidade de poetas que surgiram em tempos recentes, entre eles Rodrigo Madeira, Adriano Smaniotto, Rodolfo Jaruga, Iriene Borges e Luciana Cañete. “Alguns destes autores chamam a atenção de leitores, poetas e críticos de outros Estados”, observa o curador.

Influências entre gerações

Se atualmente a poesia parana-



Do virtual para o real: Thadeu terá um livro publicado a partir de poemas divulgados em seu *blog*.

ense tem mais visibilidade, isso é resultado de trilhas desbravadas por precursores locais. A tese é do poeta Antônio Thadeu Wojciechowski. “Hoje em dia, muita gente nova faz um trabalho bom. Eles souberam aproveitar o espaço criado por Fernando Amaro, Júlia da Costa, Dario Vellozo, Emiliano Pernetta, Helena Kolody, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Marcos Prado e tantos outros”, diz o autor, conhecido como “Polaco da Barreirinha”.

Mais do que os caminhos abertos, Wojciechowski observa ainda uma influência de poetas como Marcos Prado, Paulo Leminski e Helena Kolody na produção atual. Ele também ressalta que a poesia feita no Paraná conseguiu, com o passar dos anos, criar uma iden-

tidade. “A formação étnica do paranaense faz com que a poesia daqui tenha uma universalidade latente em quase todos os seus autores.”

Tipo exportação

Há outros sinais da vitalidade na poesia contemporânea produzida no Estado. No último mês de junho, Jossely Vianna Baptista e Jussara Salazar — poeta pernambucana radicada em Curitiba desde 1985 — foram incluídas entre os finalistas o Prêmio Portugal Telecom de Literatura 2012, na categoria poesia (ao lado de poetas consagrados como Affonso Romano de Sant’Anna e Manoel de Barros).

Outro destaque foi a participação de Jussara na 13ª edição do PoesieFesti-

val Berlin, evento realizado recentemente na Alemanha e considerado um dos mais importantes do gênero no mundo. Para essa edição, a organização do festival convidou seis brasileiros para participarem da Oficina de Tradução — evento no qual os convidados atuaram em parceria com autores alemães. Na ocasião, o parceiro de Jussara foi Christian Lehnert.

Questionada a respeito de um possível reflexo da dicção poética paranaense em sua produção, Jussara diz o seguinte: “Considero interessante observar a grande liberdade que foi propiciada pela falta de uma tradição, no sentido estrito. Um poeta do Paraná hoje não deve nada a ninguém, não se preocupa com nenhuma tradição ou herança. Isso é estimulante”. ■

Berço poético

Entre os pioneiros da poesia do Paraná, destaca-se Bento Cego. Poeta, cantador e rei dos desafios, tornou-se uma lenda durante o século XIX. Ágil e criativo nas suas composições, o poeta deixava os desafiantes sem resposta — o percurso dele pode ser conferido no curta-metragem *Bento Cego*, dirigido por Geraldo Pioli.

Outra personalidade da poesia paranaense do século XIX é Júlia da Costa (1844-1911), autora de uma extensa quantidade de poemas, conteúdo reunido no livro *Poesia* (2001), organizado por Zahidé Lupinacci Muzart e publicado pela Imprensa Oficial do Paraná. Emiliano Pernetta (1866-1921) foi coroado, em 1911, em uma cerimônia realizada no Passeio Público, o príncipe dos poetas paranaenses. Personalidade curitibana, teve a produção ligada tanto ao simbolismo como ao parnasianismo e obteve alguma ressonância em âmbito nacional. No entanto, o poeta paranaense mais conhecido no Brasil é, sem dúvida nenhuma, Paulo Leminski (1944-1989). Fez, sem exagero, quase de tudo. Estreou com um romance experimental, *Catatau* (1975), traduziu obras de John Lennon, Alfred Jarry e Samuel Beckett, além de compor canções, gravadas por Caetano Veloso e Moraes Moreira, entre outros. Os seus poemas, sobretudo do livro *Distraídos Venceremos* (1987), são conhecidos do Rio Grande do Sul ao Pará. Quem também se destacou foi Marcos Prado (1961-1996). Mais conhecido por assinar letras de canções gravadas pela banda Beijo AA Força e outros grupos musicais curitibanos, Prado escreveu inúmeros poemas, muitos dos quais estão reunidos no livro *Ultralyrics* (2006). Neste ano, o poeta foi o homenageado no 29.º Salão Internacional de Humor do Piauí, realizado entre 26 a 30 de junho. “A poesia dele, apesar de problematizar a dor, tem uma noção de humor peculiar”, diz Luiz Antonio Solda, cartunista e poeta que desde 2003 participa do evento realizado em Teresina.

No olho do furacão

O tremor de terra provocado pelo concretismo, nos anos 1950, ainda pauta as discussões entre os poetas brasileiros, que hoje não fazem parte de escolas literárias e se utilizam da internet para conquistar leitores

GUILHERME MAGALHÃES

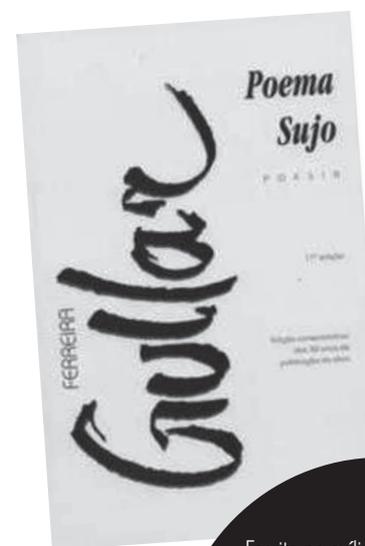
Múltipla, oscilando entre a vanguarda, a tradição e a contradição. Assim o poeta e ensaísta Antônio Carlos Secchin define a poesia brasileira contemporânea. E, de fato, sobretudo na segunda metade do século XX, houve uma espécie de cisma entre os concretistas e aqueles que reivindicavam mais lirismo e menos forma, texto derramado, e não a concisão. Para o poeta e tradutor Paulo Henriques Britto, essa rixa é coisa do passado. “Salvo a recente troca de alfinetadas entre Augusto de Campos e Ferreira Gullar, esse debate é coisa do passado. Para os poetas que estão com 40 ou 50 anos, parte do legado do concretismo foi assimilada e parte rejeitada, em graus variáveis em cada caso particular”, afirma Britto, completando que, para os poetas na faixa dos 20 ou 30 anos, “a questão é definitivamente um capítulo da história da poesia brasileira, tal como a rixa entre Mário e Oswald de Andrade, ou a querela entre simbolistas e parnasianos”.

Chacal, pseudônimo de Ricardo de Carvalho Duarte, é um dos representantes da poesia marginal. Ele estreou com *Muito prazer* (1971) e ficou célebre por utilizar o mimeógrafo como veículo de divulgação de sua poesia, num tempo em que a repressão era feroz e o mercado editorial, uma muralha intransponível.



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE MANUEL BANDEIRA JOÃO CABRAL DE MELO NETO CECÍLIA MEIRELES FERREIRA GULLAR VINICIUS DE MORAES ADÉLIA PRADO MARIO QUINTANA MANOEL DE BARROS OSWALD DE ANDRADE HAROLDO DE CAMPOS HILDA HILST MÁRIO DE ANDRADE ANA CRISTINA CESAR MURILO MENDES TORQUATO NETO OS CEM MELHORES POEMAS BRASILEIROS DO SÉCULO MARIO FAUSTINO JORGE DE LIMA ARMANDO FREITAS FILHO ROBERTO PIVA CARLOS NEJAR CHACAL DANTE MILANO HENRIQUETA LISBOA CLAUDIA ROQUETTE-PINTO PAULO HENRIQUES BRITTO GILKA MACHADO CHICO ALVIM ANTONIO CICERO OLGA SAVARY PAULO LEMINSKI CARLITO AZEVEDO AUGUSTO DE CAMPOS Seleção: ITALO MORICONI * OBJETIVA

Os cem melhores poemas brasileiros do século, organizado em 2001 pelo antologista e poeta Italo Moriconi, teve a tarefa de listar em número restrito uma poesia tão diversa e rica como a brasileira. Moriconi costuma brincar dizendo que “adoraria fazer uma antologia complementar a esta, intitulada *Mais cem poemas brasileiros do século*”.



Escrito no exílio por Ferreira Gullar, *Poema sujo* (1976) foi o grande libelo contra a ditadura. O autor afirma que a obra surgiu da necessidade de “escrever um poema que fosse o meu testemunho final, antes que me calassem para sempre”.

Em um mercado editorial inóspito para quem deseja escrever poesia almejando bons números de vendas, paradoxalmente, observa-se um maior número de poetas publicando livros. “O poeta de hoje é mais focado em escrever e publicar livros do que os da minha geração, dos anos 1970”, conta Italo Moriconi, que organizou a coletânea *Os cem melhores poemas brasileiros do século* (2001).

De acordo com Moriconi, por mais diminuto e hostil que o mercado seja, os poetas demonstram interesse em entrar nesse jogo e, o mais importante, estão focados em constituir circuitos e redes de apoio e emulação mútua — e, em tal contexto, *blogs* e *sites* tornam-se a nova porta de entrada no admirável mundo da poesia. “Os *blogs* são a

versão contemporânea dos periódicos que, junto com a plaquete artesanal, um fetiche da geração marginal, eram o primeiro passo antes da publicação em livro”, diz.

Em tempos de profusão de feiras, mesas e festivais literários no país — e da consequente profissionalização do escritor —, somente publicar não é suficiente. “Hoje, publica-se muito, mas não se lê tanto. Publicar é importante, mas não basta. Penso que participar de círculos diversos, da vida literária, é importante”, defende a crítica literária Beatriz Resende.

Siricutico cosmopolita

Definir a poesia contemporânea brasileira é tarefa tão ou mais difícil do que acertar os seis números da Mega-Sena. Paulo Henrique Britto observa que, por exemplo, a noção de escola literária não se aplica ao momento atual. “Daqui a 20 ou 30 anos, os críticos vão ver com mais clareza quais foram as linhas de força das primeiras décadas do século XXI; para nós, que estamos vivendo este momento, isso é bem mais difícil”, confessa.

Algumas características, no entanto, podem ser apontadas em boa parte da poesia produzida pela novíssima safra — leia-se, poetas que ainda não completaram quarenta anos. Britto observa que, nesta produção poética em progresso, evidencia-se a ausência de projetos coletivos e utópicos, a volta de uma possível subjetividade, o compromisso com uma linguagem próxima à da fala coloquial e a abundância de citações que misturam, sem nenhum preconceito filosofia com cinema, música popular e televisão.

“E, acima de tudo, uma postura cosmopolita, que se expressa de várias maneiras: na presença de palavras, expressões e versos inteiros em idiomas estrangeiros; no tema da viagem; e no fim da ‘questão nacional’, que mobilizou nossos literatos desde o romantismo até a década de 1960”, completa Britto.

Ser brasileiro, analisa o poeta e tradutor, tornou-se tão natural para os jovens quanto ser francês ou inglês sempre foi para os franceses e ingleses. “Isso, a meu ver, é sinal de que o Brasil deixou de ser um problema, ao menos como nação. Não significa que os problemas do país tenham sido resolvidos, apenas que os brasileiros mais jovens não têm mais um problema de identidade nacional”, diz.

As vozes poéticas produzidas pela periferia também conquistaram seu espaço. “Essa expressão é uma novidade, e muitas vezes, está ligada a expressões verbais do *funk* ou do *rap*”, lembra Beatriz Resende.

Apoteose do cotidiano

Amor, morte, perda, solidão e a própria poesia — estes temas, atemporais, acompanham a produção poética há séculos e devem continuar como matéria-prima. “Sem dúvida, a dor provoca mais, torna a expressão poética mais necessária do que as alegrias”, aponta Beatriz Resende. “Porém, o banal do dia a dia, o cotidiano, é um tema poético comum desde o modernismo”, completa.

Italo Moriconi observa duas poesias convivendo atualmente. “Uma que quer ser literária, voltada a um leitor mais erudito, e outra mais comunicativa, que até se confunde com o *pop*, no verso falado, e se funde com o *pop* no caso da letra de música”, opina. Segundo o antologista, a poesia mais literária está sempre buscando uma subversão, uma transgressão do senso comum.

Talvez, até por herança do movimento concretista, a poesia brasileira de hoje revela uma preocupação especial com a forma. “Os jovens poetas sabem que, para escrever poesia, é preciso muita leitura e domínio das técnicas poéticas”, afirma Britto. Ele lembra que, por exemplo, a geração marginal da década de 1970 defendia o poeta que “vivia intensamente” e “contra o sistema”. “Essas ideias ingênuas já não são mais levadas a sério”, afirma Britto. ■

Augusto de Campos, junto a seu irmão Haroldo, foi um dos pilares do movimento concretista na poesia brasileira. Em *Viva vaia*, Augusto experimenta uma descompartmentação de linguagens. Segundo o poeta, essa expressão provoca apresentações “verbivocovisuais”, isto é, o verbal e o não-verbal se interpenetrando.



Os séculos da poesia brasileira

Edla van Steen fala sobre a ousada coleção que idealizou e coordenou, que compila quatro séculos da poesia brasileira

GUILHERME MAGALHÃES

Quem pretende se aprofundar na história da poesia brasileira tem uma ótima oportunidade com a série “Roteiro da Poesia Brasileira”. A antologia chama a atenção pela ousadia e ineditismo: mapear, em 15 volumes, a produção poética brasileira ao longo dos séculos — do período seiscentista até os anos 2000. A curadoria do projeto coube a Edla van Steen, que há 30 anos organiza antologias para a editora Global (“Melhores Poemas” e “Melhores Contos”). Edla foi a responsável por chamar estudiosos que selecionariam os poemas de cada volume.

Nos primeiros sete volumes estão destacadas todas as escolas literárias: Raízes, Arcadismo, Romantismo, etc. A partir de então, a série privilegia os autores por décadas, destacando o período em que seus poemas foram publicados em livros pela primeira vez.

Segundo Edla, a grande dificuldade dos selecionadores foi escolher/descobrir poetas fora do eixo Rio-São Paulo, que sempre tiveram ou têm maior visibilidade, ou seja, traçar um panorama das várias cenas poéticas espalhadas pelo Brasil a partir de períodos pré-determinados. A seguir, Edla fala sobre o projeto.

A série “Roteiro da Poesia Brasileira” pretende mapear a história da poesia brasileira, em 15 volumes. Qual foi exatamente o seu trabalho neste projeto?

Há trinta anos dirijo várias coleções na

Global Editora, entre as quais “Melhores Poemas”, “Melhores Contos” e “Melhores Crônicas”. Meu trabalho começa na escolha do autor e do seu especialista, e/ou poeta, que tenha tempo e disposição para selecionar os melhores e fazer o prefácio, os dados biobibliográficos, etc. Às vezes fico mais de ano tentando encontrar a pessoa certa. Muitas vezes dou sugestões de poemas e/ou textos que, por algum motivo, não foram incluídos. E, quando se trata de um autor que não está em domínio público, vou atrás até conseguir a assinatura do contrato. Confesso que é a parte mais trabalhosa. No “Roteiro”, a partir do Modernismo, a maior dificuldade foi conseguir autorização de publicação de autores e/ou herdeiros. Vânia Barra, da Solombra Books, nos ajudou muito. Prefácios tiveram de ser reescritos quando não conseguimos os contratos, por isso ou aquilo. Talvez, numa segunda edição, possamos incluir alguns nomes que ficaram de fora.

A pessoa que começar desde o primeiro volume deste “Roteiro da Poesia Brasileira”, dedicado às “Raízes” de nossa poesia, e passar por todos os movimentos poéticos de nossa literatura encontrará, nos últimos volumes, uma poesia à altura de nossa tradição?

Acho que o “Roteiro da Poesia Brasileira” mostra exatamente o que aconteceu/acontece com a produção nacional após o modernismo. Poucos poetas selecionáveis da geração de 1930 e, a partir da de 1940, a quantidade de nomes e obras foi aumentando. A grande dificuldade dos selecionadores foi escolher/descobrir poetas fora do eixo Rio-São Paulo, que sempre tiveram ou têm maior visibilidade. Todos nós sabemos que publicar livros de poesia foi e é cada vez mais complicado, em geral os autores pagam as edições dos seus primeiros



poemas. Os selecionadores fizeram o possível para garimpar as décadas. Autores de excelentes livros não tiveram sucesso, nas primeiras edições. Muitos morreram sem saber se a sua poesia seria ou não lida.

A poesia brasileira, principalmente no século XX, passou por diversos movimentos de vanguarda, todos eles defendendo um tipo peculiar de escrita. Nossa poesia contemporânea carrega alguma marca perceptível como a desses movimentos poéticos?

Acho que sim. O tempo e a análise das obras vão nos dizer. Uma confissão: alguns poetas que tiveram sucesso nas suas décadas não sobreviveram às análises dos especialistas de hoje. Nem sempre o sucesso ou o fracasso tem a ver com a qualidade.

O século XX produziu grandes poetas no Brasil. Escritores tão poderosos que ainda hoje parecem eclipsar os poetas contemporâneos. Quem são os poetas de hoje que podem rivalizar, em termos de popularidade e qualidade, com ícones como Drummond, João Cabral e Bandeira? Ou melhor, quem são os candidatos a cânone de nossa poesia?

A sua pergunta sugere que você não considera Ferreira Gullar, por exemplo, para citar apenas um nome, grande poeta? Aliás, este é exatamente um dos objetivos do nosso “Roteiro”, registrar, pelo menos na opinião dos especialistas, o que de melhor se vem produzindo no país. Não sei se conseguimos, mas tentamos. Nunca nenhuma editora tinha feito um trabalho de levantamento tão extenso.

A senhora acha que nesta última década, marcada pela intensa presença das novas tecnologias, a poesia sofreu alguma mudança significativa, seja na difusão ou mesmo na forma de se fazer poesia?

Fiquei muito feliz quando Marco Lucchesi aceitou fazer o volume dos anos 2000, ele mesmo um jovem com a coragem necessária de consultar poetas e pedir-lhes sugestões de nomes e de poemas. Toda geração é fruto das anteriores e é sempre um prazer descobrir novos talentos que o tempo canonizará ou não. Confesso que eu conhecia bem poucos poetas atuais do Paraná, por exemplo. Alguns li apenas no *Rascunho*. E a seleção me surpreendeu. Acredito muito na poesia da vídeo-art, também, como nova e moderna forma de criação. ■



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

RUBENS FIGUEIREDO

17 julho | 19h

Entrada franca

PRÓXIMOS ENCONTROS

14 AGO Luiz Vilela 18 SET Edney Silvestre

16 OUT João Gilberto Noll 20 NOV Livia Garcia-Roza

OFICINA DE ILUSTRAÇÃO EDITORIAL

RAFAEL CAMPOS ROCHA

06, 07, 08, 09 e 10 agosto | das 14h às 18h

Inscrições gratuitas até 31 de julho pelo e-mail oficina@bpp.pr.gov.br
Informações 41 3221 4917 Vagas limitadas

PRÓXIMAS OFICINAS

OUT Tiras | Benett NOV Cartaz | Ricardo Humberto

XI TORNEIO ANUAL DE XADREZ

13 julho | 13h30

Seção Infantil BPP

Inscrições gratuitas pelo telefone 41 3221 4980

PÚBLICO crianças de até 13 anos



O BRASIL PODE SER UM PAÍS DE LEITORES? PODE!?

FELIPE LINDOSO

Há dez anos, quando publiquei o livro com esse título, incluí um capítulo intitulado “Por uma política cultural republicana e democrática”, onde listava sete pontos dessa política. Eram os seguintes: a) aumento das oportunidades de acesso aos produtos culturais por toda a sociedade; b) estabelecimento de critérios claros para o financiamento de projetos, de preferência por meio de instituições estáveis e programas continuados; c) reformulação das leis de incentivo fiscais para evitar a confusão entre mecenato e publicidade, estimulando a promoção do uso de incentivos fiscais em projetos de apropriação coletiva (social) dos resultados; d) participação de todos os envolvidos na produção, distribuição e consumo de bens culturais na administração das instituições culturais, de forma rotativa e de maneira a garantir a sua continuidade, independentemente das mudanças de governo; e) descentralização de recursos e ações culturais — o cidadão mora na cidade; f) apoio à formação continuada e sistemática dos artistas e produtores culturais locais, inclusive dando-lhes preferência nas atividades de animação de bairros, parques, escolas e centros culturais e comunitários; g) importância de discutir a questão do patrimônio histórico e os processos de tombamento.

Eram pontos para uma política cultural geral, e não exclusivamente para o livro e a leitura.

Mas é possível avaliar, ainda que sinteticamente, o que se avançou nessa ques-

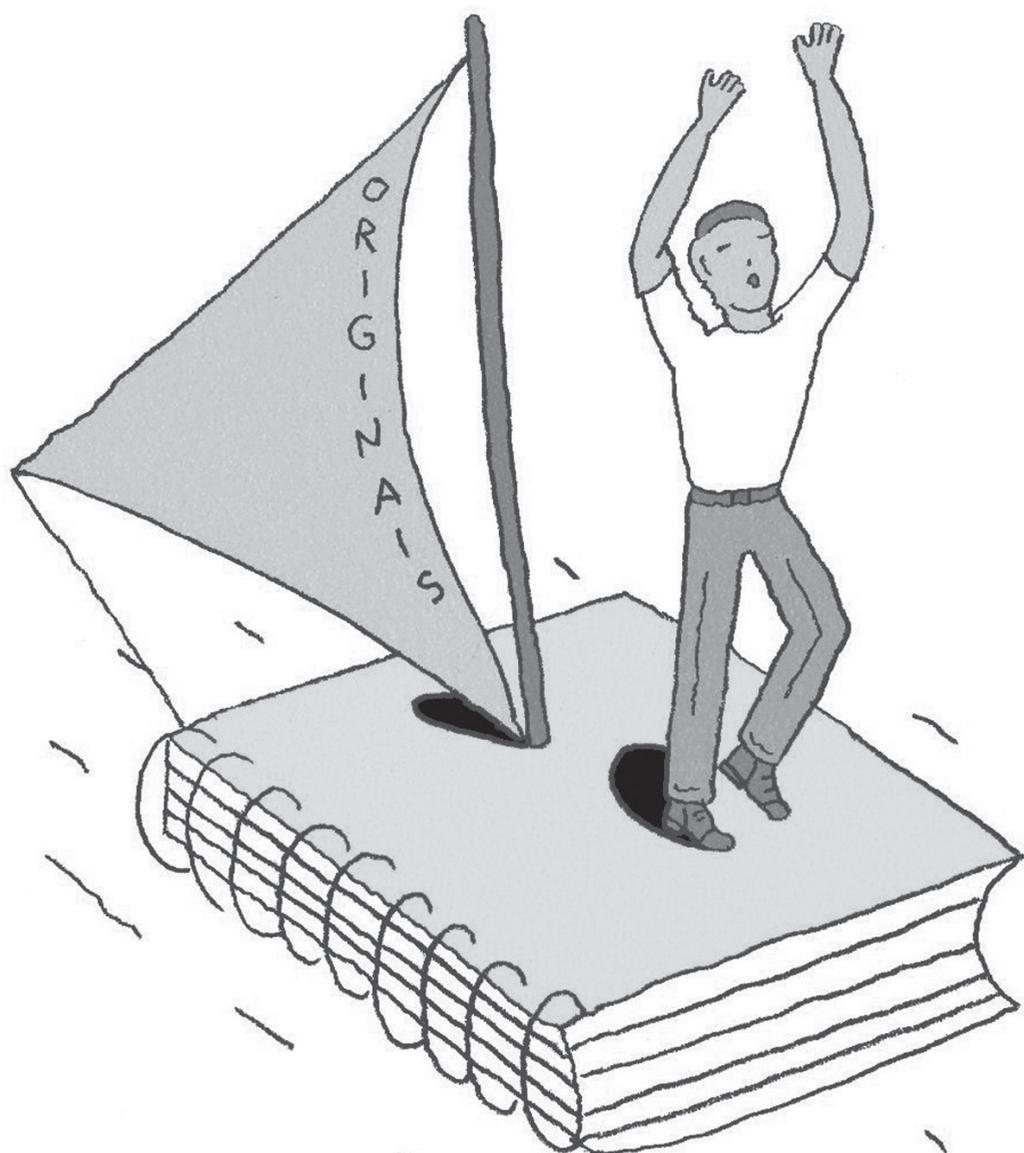


Ilustração:
Marcelo Cypis

tão — ou não — durante esse período. E quanto falta avançar.

Observava também que os pontos eram mais uma contribuição e um apelo à discussão. Não sou dado a formulação de receitas e a definição de políticas públicas é, certamente, um processo longo. Na verdade, uma corrida de obstáculos. A estrutura federativa do país, e sua dimensão, impedem que haja qualquer ilusão de uniformidade, seja no âmbito da formulação da política, seja na de sua aplicação. Afinal, temos quase seis mil municípios no Brasil.

Um avanço significativo nesse período foi o da percepção social de que a cultura não é um “ornamento”, um adendo mais ou menos gracioso às outras coisas que o Estado faz. E não estou falando do conceito antropológico da cultura, como expressão multiforme de traços, e sim de ações que envolvem agentes culturais muito mais definidos: Estado, produtores, financiadores, artistas e consumidores de produtos culturais.

E isso é muito importante. Sempre menciono o fato de que a educação, por exemplo, é percebida pela sociedade como um elemento imprescindível para o desenvolvimento social, econômico e político do país. É impossível um prefeito inaugurar um conjunto habitacional que não tenha acesso às escolas. E mais, a população hoje já reivindica maciçamente uma escola de qualidade, e não apenas a presença da escola.

Infelizmente não acontece o mesmo em relação aos equipamentos culturais em geral, principalmente a biblioteca pública. Não existe com clareza e de forma geral a percepção social de que a biblioteca é o lugar do ensino continuado, um direito dos cidadãos, uma necessidade para a vida da comunidade, tanto quanto a escola e os equipamentos de saúde.

Paradoxalmente, como se verifica na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, feita recentemente e que pode ser consultada no site do Instituto Pró-Livro (www.prolivro.org.br), as pessoas sabem da existência das bibliotecas, mas as usam pouco. E não se mobilizam para que a biblioteca de suas comunidades melhore em serviços, acervo e atendimento.

No entanto, houve avanços nesses dez anos. Já há municípios nos quais as bibliote-

cas entram na pauta das eleições e das cobranças dos eleitores, embora estejamos longe de ter pressão social suficiente para que a questão seja enfrentada com mais resolução. Basta lembrar que houve prefeitos que recusaram receber os kits de bibliotecas públicas do programa da Biblioteca Nacional, que tentou zerrar o número de municípios que não tinham pelo menos uma unidade desse equipamento cultural básico.

Mais importante ainda, a Biblioteca Nacional recentemente introduziu uma mudança importantíssima no processo de aquisição de acervos, permitindo que estes sejam escolhidos dentre uma oferta muito ampla, e não decididos por comissões centralizadas em Brasília ou no Rio de Janeiro. O Programa do livro Popular, outra iniciativa da BN, está se consolidando como alternativa para oferta de livros de baixo preço para a população. É um aprofundamento da descentralização das ações.

Outro passo importante foi a realização dos dois Encontros Nacionais de Cultura, contribuição para que a definição das políticas públicas para o setor tenham maior participação dos interessados. A tramitação do Plano Nacional de Cultura avança no Congresso e nele são estabelecidos alguns mecanismos de participação mais abertos. Entretanto, ainda temos deficiências sérias em dois aspectos importantes. O primeiro é a da implantação de um sistema de contrapartidas e co-responsabilidades do Governo Federal com os Estados e municípios. Essa questão ainda não está bem equacionada na proposta. O segundo ponto é o da própria democratização dos mecanismos de gestão. A participação de usuários, produtores culturais e demais interessados no funcionamento dos equipamentos culturais está longe de existir. O resultado é a ausência de planejamento e o risco continuado de interrupção de ações e programas a cada mudança de governo.

Por outro lado, a reformulação da legislação de incentivos culturais foi objeto de muita marola, mas os eventuais avanços ainda estão travados no Congresso Nacional. A proposta original enviada pelo Ministro Juca Ferreira tinha, na minha opinião, vícios seriíssimos. Par-

tia da ilusão de que as empresas entregariam os recursos incentivados para a administração do MinC, o que jamais ocorreria. O importante seria direcionar o uso desses recursos para projetos e programas de caráter mais permanente: manutenção das bibliotecas, teatros, orquestras e centros culturais, reduzindo a importância dos eventos isolados nos mecanismos de incentivo fiscal. Ao que parece, as propostas mais recentes de reformulação da lei remediaram, pelo menos em parte, as deficiências do projeto original.

Também é preciso mencionar os Pontos de Cultura, ideia brilhante, que permitia uma ampliação das pequenas ações culturais nos ambientes mais diversos. Infelizmente o programa teve uma execução desastrosa. As dificuldades dos beneficiados em fazer as prestações de conta conforme as exigências da forma legal do programa levou a sérias dificuldades para sua continuidade. O resultado foi um desgaste do MinC e a semiparalisação do programa, em busca de novo marco que agilize a transferência de recursos.

O importante a destacar, entretanto, é que a discussão avançou. Talvez não tenha avançado na velocidade e com a qualidade que muitos de nós desejamos. Mas é sempre bom lembrar que as políticas públicas não produzem resultados da noite para o dia. O processo democrático de formulação de políticas públicas é cheio de contradições, avanços e recuos. A novidade importante é que o MinC deixou de ser uma modesta agência carimbadora de licenças para captação de recursos via incentivos fiscais e se transformou em um órgão com maior capacidade operacional e de formulação de políticas, conseguindo catalisar a participação de segmentos cada vez maiores da sociedade.

Com tudo isso, estou mais otimista hoje do que estava há dez anos. Acredito que estamos no rumo certo e que, com persistência para superação das dificuldades, conseguiremos dar oportunidade para que todos que desejarem possam ter acesso aos bens culturais e à diversidade de suas expressões em nosso país. ■

 **Felipe Lindoso** é antropólogo e escritor, autor de *O Brasil pode ser um país de leitores? Política para a cultura – política para o livro* (2004). Vive em São Paulo (SP).

Ler antes de clicar

Um dos mais requisitados fotógrafos do mercado, Dico Kremer é defensor da leitura como base para toda atividade profissional

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Dico Kremer acredita que um bom fotógrafo é, necessariamente, um leitor. Desde 1971 no mercado de fotografia profissional, o curitibano de 64 anos lê todos os dias. No sábado e no domingo, reserva mais de 12 horas para leitura. Tem cinco mil obras em uma sala do segundo andar de sua casa-estúdio, em Santa Felicidade, tradicional bairro de Curitiba. “Sou curioso”, define-se. E a curiosidade o faz se envolver com cinco, seis títulos ao mesmo tempo.

Dico lê sentado em uma poltrona e, se é surpreendido por alguma palavra ou expressão que desconhece, interrompe o fluxo da leitura, seja um romance de Enrique Vila-Matas ou um ensaio de Edmund Wilson. Levanta-se, caminha até uma das estantes e consulta os exemplares das enciclopédias que faz questão de conservar. Pesquisa na internet apenas se a Britânica e a Larousse forem insuficientes, o que, comenta o fotógrafo-leitor, não costuma acontecer.

Kremer lê e escreve em inglês, francês, italiano, japonês e espanhol — além do português. Coleciona dicionários desses seis idiomas e até de línguas que ainda não é fluente, como chinês e alemão.

Em janeiro deste ano, Dico recebeu a visita de um dos mais renomados fotó-



Carmen Lucia Kremer

“ Ler é importante por apresentar novas possibilidades de pensar.”

grafos do Leste Europeu, Antanas Sutkus. A conversa foi mediada por uma tradutora, mas Dico conseguiu captar uma e outra nuance do discurso do interlocutor, que se comunica em lituano e russo. Sutkus elogiou a sutileza e a elegância do tra-

balho do curitibano. Ele sorri ao lembrar as palavras do fotógrafo lituano, e admite que sua sensibilidade foi, e é, continuamente estimulada pela imersão no mundo das palavras, aventura que teve início na primeira metade do século XX.

De bachianas e lobatianas

A infância do fotógrafo teve como trilha sonora Bach e obras de outros autores eruditos. O pai dele, Togo Kremer, um representante comercial, atravessava os fins de semana ao lado do toca-discos com livros e revistas nas mãos. A atitude paterna iria se repetir no filho: além da leitura, Dico é apreciador de música, em especial, da chamada clássica e de jazz.

O pequeno Kremer também es-

“A literatura me transformou. E o cinema também.”

cutava, a partir da voz de sua mãe, Maria Emília, hoje com 87 anos, enredos de livros que alimentavam o seu imaginário. Formou frases, começou a transitar pelo universo da palavra escrita. Alfabetizado, aos 6, 7 anos, leu a obra completa de Monteiro Lobato. E seguiu a ler, ininterruptamente.

A partir de agosto de 2012, Dico vai ministrar aulas em uma escola de fotografia, e pretende recomendar aos alunos a leitura de poesia e prosa. “A técnica fotográfica qualquer pessoa pode aprender em poucas horas. Mas o olhar, que faz toda a diferença, depende de outras questões. A leitura de ficção ajuda nesse aprimoramento”, diz.

Cineclubismo é para sempre

Durante a década de 1960, Kremer ouvia Beatles, Chico Buarque, Jimi Hendrix e canções da Bossa Nova, mas foi o cinema que o seduziu. Em um primeiro momento, os filmes norte-americanos exibidos nos Cine Ópera, Ritz e Avenida, todos em Curitiba. Os horizontes iriam se ampliar a partir do momento em que foi matriculado no Colégio Santa Maria. No Cine Clube Pró Arte, o futuro fotógrafo teve acesso a filmes europeus e a sua visão de mundo se transformou.

“Ler é importante por apresentar novas possibilidades de pensar. A literatura me transformou. E o cinema também. Eu não seria quem sou se não fossem os livros que li e os filmes que vi”, afirma.

Os cinéfilos e leitores críticos Cláudio Lacerda, Luiz Geraldo Mazza, Carlos Alberto Pessoa, Lélío Sotto Maior e Aristides Vinholes eram garantia de reflexão nas sessões que tinham início quando os filmes terminavam. Naque-

le tempo, mais do que ver, era necessário discutir o que se via. Kremer conta que a sua formação se deve, e muito, àqueles bate-papos pós-filmes. Foi naquele contexto que ele conheceu um sujeito que viria a ser grande amigo e até hoje uma referência na literatura, com ressonância em todo o Brasil: Paulo Leminski.

Janelas da alma

A década de 1970 seguia. Kremer entrou e saiu da universidade sem concluir o curso de Direito. Leminski escreveu e publicou *Catatau* (1976), longa narrativa em prosa. Os dois trocavam ideias e acenos, mas foi a publicidade que os aproximou. No intervalo entre um e outro *job*, o fotógrafo observou que o poeta ainda não tinha um livro de poesia, apesar da intensa e contínua produção. A partir de um acordo entre a agência de propaganda ZAP e uma gráfica, foi publicado *Não fosse*

se isso e era menos não fosse tanto e era quase (1980), o primeiro livro de poemas de Leminski, editado por Kremer.

Ele gesticula ao comentar os livros de que mais gosta e relê, por exemplo, os 17 volumes da *Comédia Humana*, de Honoré de Balzac. Aponta com as duas mãos para um mapa que está em uma das paredes de sua biblioteca. É de Dublin, cidade-cenário de *Ulisses*, de James Joyce. Dico leu o romance em inglês e as traduções de Antônio Houaiss e de Bernardina Pinheiro, e pretende confeccionar a mais recente, assinada por Caetano Galindo. “Gosto de cotejar o texto original com as traduções. Estou fazendo isso, agora, com *Em busca do tempo perdido*, de

Marcel Proust. A tradução feita por Mário Quintana é excelente”, diz.

De 1990 a 1997, viveu em Portugal e, apesar das solicitações profissionais, encontrou tempo para conhecer a literatura de José Saramago, António Lobo Antunes, Helder Macedo, Miguel Torga e outros nomes da ficção lusitana contemporânea. Também realizou um ensaio fotográfico sobre janelas portuguesas, que pode se transformar em livro e em exposição ainda em 2012.

A fotografia é profissão, e representa prazer, para Dico Kremer. Mas, se pudesse, passaria o tempo todo em meio a livros, com intervalos para música, filmes e, no máximo, algum outro enredo. ■

“Eu não seria quem sou se não fossem os livros que li e os filmes que vi.”



ESTEREÓTIPOS E TIPOS ESTÉREIS

O romancista **Cezar Tridapalli** abre a nova seção do **Cândido**, dedicada à publicação de ficção inédita inspirada na Curitiba contemporânea

Maria, ô, Maria. Onde se meteu? Traz conhaque. Ninguém recusa meu conhaque. O que quer saber? Parece fácil falar. É difícil. Até os contrapontos são lugar-comum. Onde o diferente? No meio termo, virtude de Aristóteles? Curitiba não é assim, no singular. Ah, veludo! Eu te sirvo. Como desce. Vai, prova. Um brinde. Curitiba é feita de território. Em cima do qual perambulam milhões de pessoas. O humano não é detalhe. Conhece o Batel? Tinha certeza, a cara de susto, como diz “quem não conhece?”. E eu perguntar “conhece o Cachimba?”. Tão abstrato quanto a Faixa de Gaza. Abro a persiana para mostrar uma coisa. É fogo. Olha a lâmina torta. Já falei para a Maria, custou uma nota, ensinei a abrir, mas. É duro. Lá fora: vemos aqui de cima: a cidade é organismo. Pessoas cumprem funções: crianças para crescer, escola, emprego, consumo. Energia para servir o consumo dos outros. Na troca, salário para consumir. O serviço dos outros. Mecânica perfeita? Ih, olhe lá, bateram, um flagrante. Olhe, vê lá? A mulher bateu atrás da Kombi. O cara sendo esquen-

tado, dá rolo. Seguradoras dizem mulher é mais cuidadosa. Eu digo mais barbeiras. Elas ficam brabas. Só uma, do trabalho, concorda. Porque tem intenções. Me agradar. Um dia cuido da carência. Continuo: desse vigésimo andar, a cidade-organismo, indivíduo dependendo do outro. Pense quem lá dentro do carro vermelho: não conhece quem no caminhãozinho atrás. Nunca olhará para ele. E pode que o do carro vermelho use algo que é o caminhão detrás quem distribui. Relação. Já olhou para dois milhões de pessoas? Jamais verá todos. Você não bebe enquanto entrevista? Mais um pouco? Eu, sim. Você disse que entrevistou alguém da favela, uma pessoa. Entre chegada e partida, vinte cruzaram você. Só. No meio do cortiço todo, milhares. Sem contar cães sarnentos. Por metro quadrado, assustador. Lembram leprosários, idade média. Em Paris só vira-latas de qualidade. Faltam sair à rua com cachecol e piteira. Você me deixa falar, eu divagando. Volto. Se quiser fumar, à vontade. Aqui um Gauloise. Forte. Eu dizia é difícil Curitiba sem pensar suas partes. Analisar para sintetizar. Com exemplos: você entrevistou favelado. Ele: resposta x. Vai entrevistar rico: y. Eu dou olhar de fora, apreendo vozes distintas do tecido social. Entende? Ajudo você a compor mosaico e parir totalidades: é meu trabalho. Para elite, Curitiba é cidade muito boa: só pegar avião e voar a outro lugar. Brinco, claro. Elite consome o melhor de tudo, papel higiênico com vitamina D e cheiro de pêssego. Sabonete esfoliante e hidratante: arranha e assopra. Automóvel. Escola, saúde. Melhores cachças. Frio do cão. Quem tem coragem de

dizer que inferno é quente? Viva o conhaque, aquecimento global. Maria, garrafa terminando! Você edita a entrevista, bom. Assunto puxa assunto. Volto ao cidadão de elite. Quer exercícios: academias, parques. Bens culturais: livros, filmes, museu maravilhoso, festival de teatro maior do Brasil. Diversão: cafés, vida noturna refinada. É que tem a mania autofágica, bocas malditas, devorações. Prefiro ser intelectual orgânico, o olhar isento de agrotóxico. Abaixo as mistificações. Mas. Mas há sempre um mas. Mas que demora, Maria, vai se espertando. Tim-tim. Vê, não desce queimando. Maria, deixa a garrafa, aonde vai com ela? Onde eu estava? Sim, no mas. Antes, te sussurro: Maria bebe restos de copos e garrafas, desconfio. Esqueci o mas. Que seja: um indivíduo classe A diz Curitiba é maravilha. Podemos dizer é maravilha para todos de tal classe? É padrão? Evidente: não. Entram questões íntimas. Um pouco mais, beberiquemos, primeiros copos só para matar sede. Fique à vontade, sirva-se. Fresta na janela, fumaça a sair. Assim. Temos o sujeito padrão, mas abstrato, não existe na carne e no osso. Um rico, exemplo, vê idade sem freio, no horizonte presença da morte: adeus, qualquer padrão. Você não bebe nada. Entende o que digo? A rigor, estereótipo só no imaginário, as individualidades demais marcadas. Você pode entrevistar todas as pessoas. Ainda assim, só um retrato, fiel a instante. Ínfimo. Um que dormiu mal, torcicolo ou broxou: vai responder atravessado. Vê portarretrato embaixo do Guignard? Filha mais velha. Tinha cinco ou seis anos. Hoje, vinte e três. Ela é a mesma? Não. Aparência, pensar,

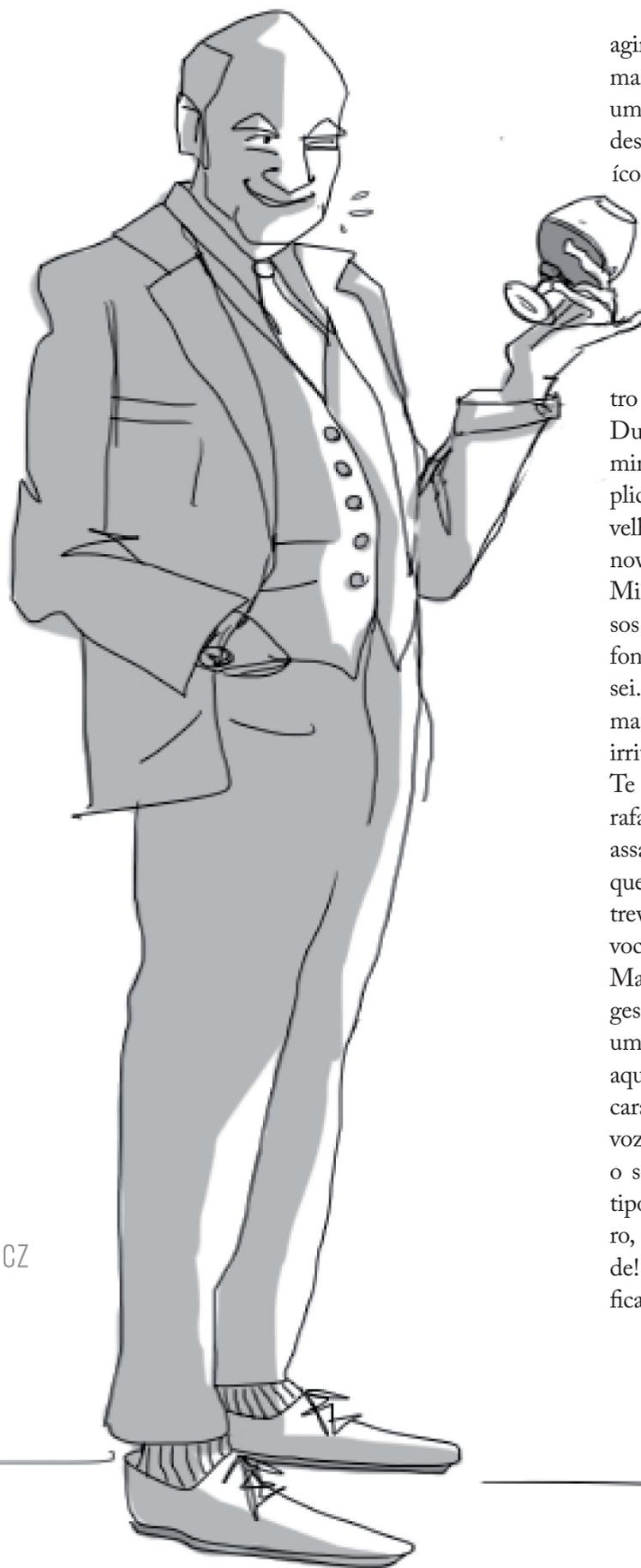


Ilustração:
Bruna Ferencz

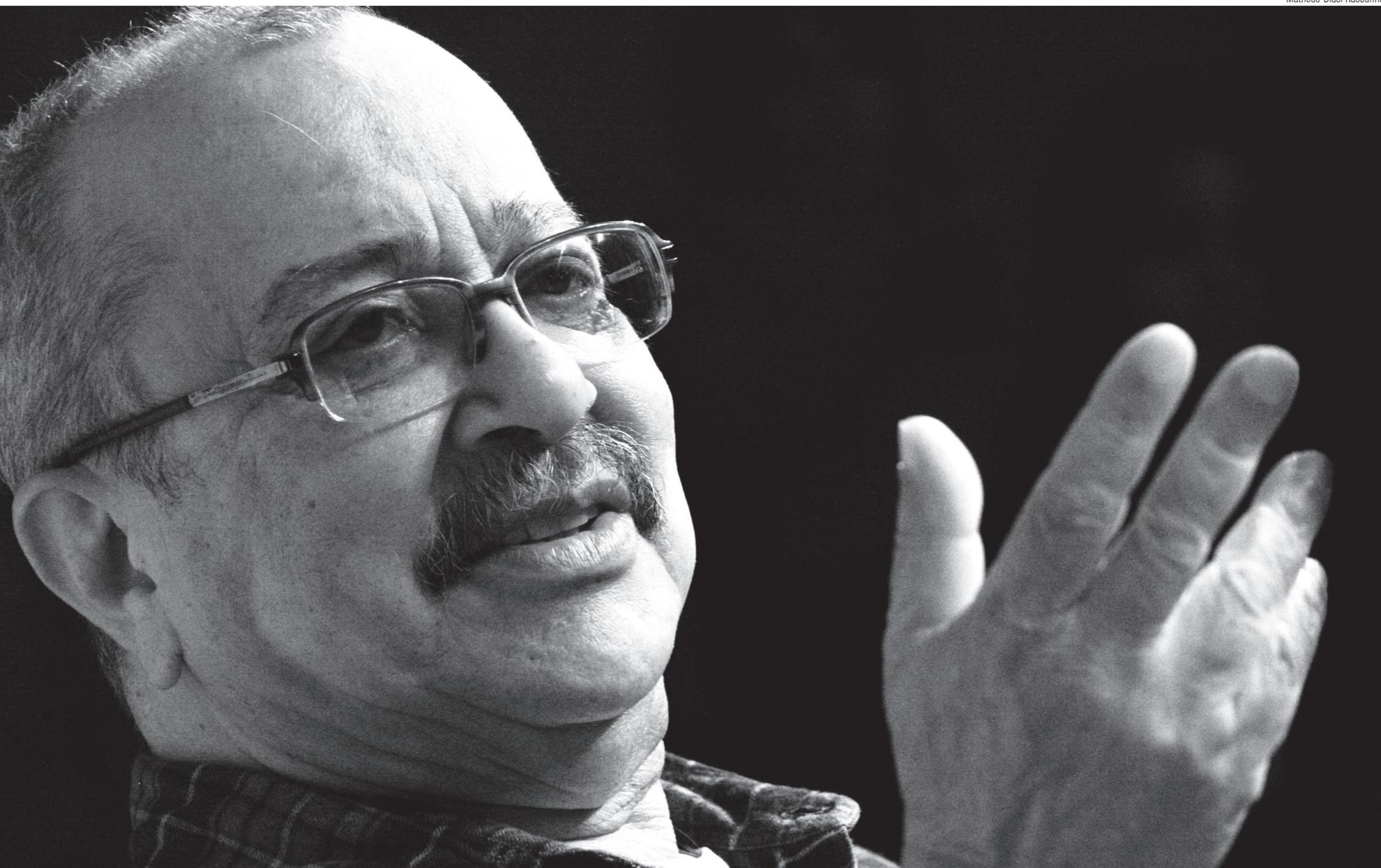
agir. Sabe o rio do Heráclito? Vou pegar mais um pouco. Se fosse você, garantiria um gole, não vou abrir outra. Boa a ideia desse teu livrinho. Louvável entrevistar ícones, memória eternizada. Curitiba violenta, o trânsito, as pessoas. Rico se sente seguro? Não. Blinda carros. E trânsito? Marquei um jantar. Às oito. Saí sete e meia. Fosse domingo, quinze minutos. Segunda-feira, nunca. Tudo parado. Outro caminho, virar à direita na Coronel Dulcídio. Viro: mar de carros. Ligar para minhas filhas. Para minha mulher. Explicar: me atraso. Adivinha? Minha mais velha: parada na Mariano Torres. A mais nova: encurralada na Martim Afonso. Minha mulher: Emiliano Pernetá. Nossos quatro automóveis imóveis. No telefone, minha mulher grita. Assalto, pensei. Só tinha tocado um ciclista. Nada, mas o babaca com papo besta. Jantamos irritados, o buquê do vinho já murcho. Te sirvo mais um pouco e termino a garrafa. Aí: outro lado da questão. Falar em assalto, penso nos favelados. Nem sei o que o favelado te respondeu, mas, entreviste o vizinho dele: diferente. Peguei você olhando para o meu copo, hein? Mais uma garrafa? Quer sim, eu sei. Ler gestos. Maria! Outra garrafa. Bebe, bebe um pouco. Frio do inferno. Concerto do aquecedor, só depois de amanhã. Esses caras. Devagar, quase parando. O rapaz, voz muito da safada. Papo de “no frio o serviço aumenta”. Que contrate. Um tipo como aquele, nada com nada. Claro, são ignorantes. Eis exemplo — saúde! — de como organismo vivo, a cidade, fica doente. Anomalias assim. Vermes:

doença para o corpo. Vermes sociais: doença para a cidade. O copo — desculpe — o corpo, metáfora de relação. Não sei se você ou o conhaque, mas eu inspiro. Você é jovem, verdade crua desestabiliza, sei. O da favela acha Curitiba um horror porque polícia funciona para os de bem — só mais uma dose, bênção. Aluno feliz, que não tem aula. Para nós, nação letrada, só depõe contra. Cidade ser boa ou não, relativo. Eu digo: abaixo as verdades únicas, um brinde ao — opa, caiu. Curitiba, imitaçãozinha de São Paulo. O mundo discute globalização, conflito ocidente e oriente. Aqui fica falando da polenta de Santa Felicidade. Saideira? Então eu bebo o teu. Desperdício zero, hehehic. Você me escute: o conhaque me deixa visionário: — cuspi em você? não foi nada — você me escute: essa porra vai vir para cá, grave o que digo, aí nessa porrinha de gravador: consegui a síntese. Esses merdas vêm pra cá, não querem ser igual São Paulo? Corpo tem doença, ó, contágia. Transmite vermes sociais. Pega o mapa, a gente logo abaixo de São Paulo, pra baixo todo o santo ajuda. Imagina o diabo. Vai empurrar tudo mas ele não vem, o desgraçado, manda todo o mundo mas ele não vem passar frio aqui. Esse copo escorrega. Minha mulher me mata. Esse tapete, uma nota, a bruxa velha me enche o saco. Maria, vem limpar essa bosta. Meu jovem, o corpo é comparação boa, a cidade, os vermes...

Stop. ■

 **Cezar Tridapalli** é escritor. Autor do romance *Pequena biografia de desejos* (2011). Vive em Curitiba (PR).

B. ferencz



A caminho do cânone

Aos 71 anos, João Ubaldo Ribeiro revê sua carreira, fala sobre a repercussão de sua obra no exterior e relembra como foi escrever, há quase 30 anos, *Viva o povo brasileiro*, sua obra-prima

LUIZ REBINSKI JUNIOR

João Ubaldo Ribeiro conseguiu o que no Brasil parece pouco provável a um escritor: conciliar sucesso de público com a boa recepção crítica de sua literatura. O que não é pouco em se tratando de um escritor cujo maior sucesso editorial é um livro de 700 páginas que faz um recorte de quatro séculos na história da Bahia, em um texto que mistu-

ra história, memória e leves toques de literatura fantástica. Trata-se de *Viva o povo brasileiro*, romance com uma trajetória de quase três décadas e que se mantém atual, estudado e discutido. Ainda assim o romancista prega cautela àqueles que tratam *Viva o povo brasileiro* como um clássico da literatura brasileira. “Acho um pouco prematuro chamá-lo de clássico. Mas é um livro que dura desde que saiu, portanto já está durando uns 30 anos”, diz o escritor em entrevista exclusiva ao **Cândido**.

Autor de outros romances célebres, como *Sargento Getúlio* e *O sorriso do lagarto*, João Ubaldo também deve parte

de seu sucesso com o público à sua marcante presença como cronista na imprensa brasileira. Desse trabalho, resultaram livros como *O rei da noite* e *Um brasileiro em Berlim*. A crônica como uma fonte de renda aos romancistas é uma dos assuntos abordados aqui pelo escritor, que gravou as respostas em um arquivo de áudio e as enviou à reportagem, o que permitiu ao autor divagações a cerca dos temas que lhe foram sugeridos, como a tradução que fez para o inglês de seus próprios livros, a repercussão de sua obra no exterior e sua formação como intelectual na Bahia, ao lado de figuras como Glauber Rocha. Eloquente, João Ubaldo dá à entrevista um caráter de bate-papo com o leitor, que pode conferir um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos respondendo questões de forma franca e sem rodeios.

Nos últimos anos, o senhor tem lançado muitos livros de crônica, sempre intercalando com os romances. A crônica, além de ser uma de suas fontes de renda, é um gênero que lhe ajuda enquanto escreve romances?

Os livros de crônicas são meus porque eu escrevi essas crônicas, mas a ideia de cada volume, a data de publicação e a própria seleção das crônicas, é feita pelas editoras. Geralmente mandam me consultar sobre a seleção, mas eu tenho preguiça de ficar lendo aquele negócio todo que escrevi, e que às vezes eu gostaria de meter a mão e melhorar, porque acho que saiu ruim, mas também não quero ter esse trabalho, afinal de contas já foi publicado, então deixa como está mesmo. Enfim, não sou eu que programo meus livros de crônicas, são as editoras. Agora, se escrever crônicas é bom para um romancista? Não deixa de ser, pois haja ou não a chamada inspiração — a qual, aliás, eu não acredito muito, talvez até por causa da experiência do jornalismo —, a crônica tem que sair. Você não pode dizer “prezados leitores, ontem não aconteceu nada” e sair com um jornal em branco. É bom escrever crônica, por

um lado, para quem é romancista, porque o sujeito fica sempre com a redação apurada, a intimidade com as palavras sempre aguçada pelo uso. Enfim, é bom. Mas, claro, a felicidade não pode ser comprada, às vezes ou frequentemente, quando se está escrevendo um romance, a obrigação de interromper a concentração, quando se está absorvido pela história, em vigília ou acordado, é ruim.

Seus livros já venderam mais de 3 milhões de exemplares em um país em que nos acostumamos a dizer que não se lê. Como o senhor chegou a esses números em uma nação de poucos leitores?

Não sei como esses livros venderam tanto, não faço ideia, as coisas não acontecem repentinamente. Estou com 71 anos, escrevo há praticamente cinco décadas, até mais na verdade, porque acho que meu primeiro conto foi publicado quando eu tinha 17 anos, em 1958, não tenho certeza. Mas, de qualquer forma, são 50 anos. Então nada acontece subitamente. Para quem tomou conhecimento de minha existência agora, parece que as coisas aconteceram rápido. Para quem lê biografias também. Fulano de tal nasceu em tanto de tanto de tanto, aos 18 anos ingressa na faculdade de tal, forma-se... Mas o que tem no meio do caminho as pessoas não leem, parece tudo fácil, uma transição não traumática. Enfim, eu não sei, não aconteceu de repente, então, nunca houve impacto. Sempre gostei que meu livro vendesse, mas nunca fui um sucesso estrondoso, acho eu. Aliás, acho não, nunca fui. Então, já tive livros que ficaram muitos anos em listas de mais vendidos — mas não estourando. Tenho essa sensação, que estouro nunca fui. Mas talvez por eu escrever em jornal, isso me popularize um pouco, amplie o número de leitores, não sei explicar.

Além das vendas expressivas de seus livros, seu romance mais famoso, *Viva o povo brasileiro*, é um tomo de setecentas

páginas, com uma narrativa entrecortada que conta quatro séculos da história baiana. Certamente não é a sinopse de um previsível best-seller. Em sua opinião, por que o livro se tornou um clássico?

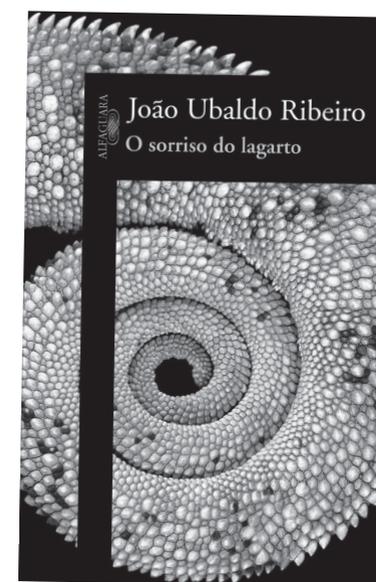
É, realmente, *Viva o povo brasileiro* é um livro considerado difícil. Não acho tanto assim, mas talvez, pelas circunstâncias do Brasil, seja um livro difícil. Não tenho muita condição de avaliar. Agora, acho um pouco prematuro chamá-lo de clássico. É um livro que repercute desde que saiu, portanto já está durando uns 30 anos, não tenho certeza. E até hoje é estudado, vende bem, é adotado em vestibulares, etc. Até tenho medo de os meninos ficarem com raiva de mim pelo resto da vida. Mas chamá-lo de clássico, acho um pouco prematuro, aliás, acho bastante prematuro.

A política é um traço marcante em sua literatura. De *Sargento Getúlio* a *Diário do Farol*, as ações dos personagens e as tramas sempre dão margem para uma leitura mais politizada. Há alguns anos, o senhor escreveu um ensaio sobre o tema, chamado *Política*. Depois de um período de repressão, mas também de bastante engajamento, hoje, com a democracia, tem-se a impressão de que viramos apolíticos. Em sua opinião, melhoramos ou pioramos nos últimos 30 anos em relação à nossa participação nas questões nacionais?

Acho que não estamos menos politizados, não. De certa forma, essa é uma pergunta muito complicada, porque envolveria uma conversa de horas ou dias, ou até mesmo um seminário sobre as contradições e os enigmas brasileiros de que nós sempre ouvimos falar e que nunca conseguimos destrinchar, nunca conseguimos compreender, por mais que grandes interpretes tenham tentado, como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Mas nós, até hoje — é meio deprimente constatar isso —, nos comportamos muito mais como súditos do que como cidadãos. Nos acostumamos, inclusive, à tutela do



A casa dos budas ditosos foi feito a partir de uma encomenda para a coleção Plenos Pecados, que publicou ainda livros de Luis Fernando Verissimo (gula), José Roberto Torero (ira) e Zuenir Ventura (inveja). A João Ubaldo coube escrever sobre luxúria. O livro traz a história de CLB, uma mulher de 68 anos, nascida na Bahia e residente no Rio de Janeiro, que jamais se furtou a viver — com todo o prazer e sem respingos de culpa — as infinitas possibilidades do sexo.



O sorriso do lagarto, sucesso de vendas e de crítica, foi adaptado para minissérie da TV Globo nos anos 1990. É um dos romances de maior repercussão de João Ubaldo. No livro, ele aborda temas como a ambição humana, o amor e as ameaças do mundo moderno, numa história cheia de traições e mistérios, que não perdeu nada de sua atualidade desde seu lançamento, em 1989.

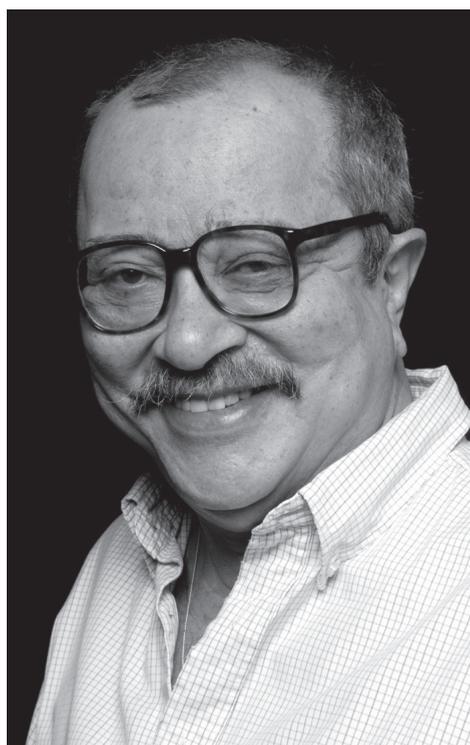
governo, a aspirarmos ao funcionalismo público no sentido mais lato da palavra, como segurança e garantias de benefícios muitas vezes descabidos e não encontrados em outros países. Nós aprendemos a ser apáticos, dominados e a ter pouco senso de comunidade, ou seja, pouco senso de interesse coletivo. Nós temos uma formação que eu não sei de que buraco saiu, não tenho vontade de fazer grandes análises, mas temos uma tradição, até hoje presente, com pequenas variações, aqui e ali, de individualismo.

O senhor costuma dizer, assim como seu colega Luis Fernando Verissimo, que escreve por dinheiro. Muitos autores acham isso um sacrilégio. Esse tipo de postura denota certa falta de profissionalismo de nossos escritores?

Acho que pouca gente hoje tem essa opinião. Porque se escrever por dinheiro não tivesse importância, então só podiam escrever aqueles que tivessem recursos suficientes para dedicar seu lazer à obra literária, ou seja, escreveria quem pode, de certa maneira isso seria uma coisa discriminatória. Não conheço nenhum contemporâneo que, como aqueles poetas russos da União Soviética, como [Yevgeny] Yevtushenko, que era extraordinariamente popular, viva da poesia. Mas no mundo todo, os poetas são geralmente professores universitários, bibliotecários, enfim, exercem outras profissões porque a poesia não costuma dar camisa a ninguém. Mas os escritores de ficção, de prosa em geral, são cada vez mais remunerados, embora haja agora esses problemas de direito autoral por causa da internet, mas isso já é outra conversa. Também não acho que é falta de profissionalismo não, porque acho que cada vez mais há essa consciência dos escritores de que eles têm que ser pagos, não é nenhum favor.

Mas há certo preconceito com livros feitos por encomenda, não?

Quando digo que escrevo por dinhei-



ro, em primeiro lugar, estou seguindo uma tradição e uma norma. Norma não, mas um exemplo, digamos assim, muito dignificante, porque foi assim que viveu [Charles] Dickens, foi assim que viveu [Honoré de] Balzac, foi assim que viveu Walter Scott. As pessoas acham que encomenda é uma coisa aviltante, quando, na verdade, a encomenda é regra. Sempre lembro isso, toda a arte da Renascença foi feita por encomenda dos mecenas da época, pelos papas, pelos homens fortes das várias repúblicas e ducados e outros tipos de organização política em que se dividia a Itália antes da unificação. Isso é uma tradição meio atrasadinha do Brasil, que já está saindo disso. É uma tradição meio romântica, e meio inspirada em tragédias chorosas, sejam escritas, sejam no cinema ou teatro, em que sempre tem aquele potetinho tuberculoso definhando numa água furtada úmida, num frio horroroso e morrendo aos 23 anos, deixando a desiludida amada, aliás, a ingrata amada, melhor ainda, casada com um fidalgo de boas posses. Na realidade, escritor, como qualquer pessoa, gosta de dinheiro e quer

viver do seu trabalho. Fiz várias coisas por encomenda. Romance, não tenho certeza, mas muitas outras coisas, em tudo quanto é gênero. Até hoje faço crônica, de certa forma, de encomenda.

O romance *Liberdade*, do escritor Jonathan Franzen, tem feito sucesso por, supostamente, ser um livro-mural, que resgata a estratégia de romancistas clássicos como Tolstói e constrói um painel de nossa época (os anos 1990 e 2000, principalmente). Entre as várias discussões que o romance suscitou, uma se refere à falta de romances similares no Brasil. Acha que faltam livros com esse tipo de ambição — como é *Viva o povo brasileiro* — em nossa história literária?

Não li esse romance. Tenho um problema, porque fico lendo as mesmas coisas o tempo todo, meu pai dizia que isso era um claro sintoma de loucura. Às vezes, passo lendo as mesmas páginas, dos mesmos autores, durante meses. Então é como se eu não tivesse tempo de ler esses negócios. Acredito, também, que não ia ficar muito fascinado com esse livro. As pessoas não acreditam, mas já contei essa história várias vezes, a gênese de *Viva o povo brasileiro* surgiu de um encontro casual que tive com Pedro Paulo de Sena Madureira, que na época trabalhava na Nova Fronteira, que era minha editora. Ele brincou comigo, estava saindo o *Vila real* [romance de João Ubaldo publicado em 1979] e ele falou assim: “você, escritores brasileiros, só escrevem esses livrinhos fininhos para ler na ponte aérea, que a gente traça num instante”. Aí brinquei com ele: “agora você vai ver, vou fazer um livro grosso”. A primeira coisa que pensei, claro, não foi fazer *Viva o povo brasileiro*, que eu não tinha na cabeça, mas fazer um livro grosso. Talvez, então, inconscientemente, eu tenha passado desse dia em diante, a construir na cabeça, sem notar, sem saber, um livro grosso, que viria a ser *Viva o povo brasileiro*. Mas eu não sei se faltam livros com esse tipo de edição, não sei se eles são

necessários, não acompanho essas coisas.

Ainda sobre essa questão da identidade como tema de nossa ficção, o senhor consegue perceber a influência de *Viva o povo brasileiro* em livros que vieram depois dele?

Acho que influência mesmo, não. Tem um livro [*Um defeito de cor*, da autora mineira Ana Maria Gonçalves], que é enorme, acho que até maior que o *Viva o povo brasileiro*, em que aparecem personagens meus. Evidentemente, tomei isso como uma homenagem, uma citação, não como plágio, porque ela fala, se não me engano, em Amuleto, que é personagem meu, fala no barão de Piraputama, que também é inventado por mim. Mas isso não chega a ser uma influência. De resto, eu nunca notei nada não, acho que nunca influenciei ninguém.

Um fato interessante em sua carreira é que o senhor traduziu uma de suas obras, *Sargento Getúlio*, para o inglês. Qual é a história por trás desta tradução: foi falta de confiança nos tradutores estrangeiros ou algo inusitado?

Não, eu traduzi dois. O *Sargento Getúlio* foi o primeiro livro traduzido, é uma história muito comprida, mas acabou batendo em uma editora que, acho eu, nem mais existe, a Houghton Mifflin, de Boston, uma editora respeitada, mas que fechou. Fechou não, foi absorvida por outra, sei lá. Essa editora encomendou uma tradução, aí me mandaram as 30 primeiras laudas, e estava uma coisa terrível. Então, como era meu primeiro livro no exterior, e logo nos Estados Unidos, após assinar o contrato com eles, choveram propostas do mundo todo para publicar o livro, e eu naquela empolgação, tinha 20 e poucos anos. Aí não resisti e me ofereci para fazer a tradução. Não tinha nenhum prestígio para eles pagarem um tradutor altamente qualificado, e assim mesmo era difícil de achar, porque aquele livro é difícil até para muitos brasileiros, quanto mais para

“Passei mais tempo traduzindo o *Viva o povo brasileiro* do que o escrevendo.”

um americano, mesmo que saiba bem português. Aí fiz a tradução, foi terrível, mas fiz. Em seguida, por uma razão semelhante, fiz a tradução de *Viva o povo brasileiro*. Não se achava tradutor para aquilo, e meu agente, que é muito amigo meu, Thomas Colchie, me convenceu que talvez eu fosse a única pessoa capacitada a traduzir aquilo, e aí acabei traduzindo, mas não gosto não. Passei mais tempo traduzindo o *Viva o povo brasileiro* do que escrevendo o romance.

A vida literária hoje se intensificou. Os escritores quase não param: são convidados para bate-papos, escrevem para jornais e revistas e participam de programas de TV. O senhor certamente foi afetado por esse assédio. Como se organiza para que sua vida de escritor não se torne um problema para a criação?

Recebo de um a dois convites por dia, e tem uns que tenho vergonha de recusar, mas é humanamente impossível. Humanamente impossível não, é até desumanamente impossível, enfim, é terrível, as pessoas não compreendem, ficam ofendidas quando recuso, insistem, insinuam discriminação, dizem que eu só quero ir à Europa ou a grandes centros, ficam chateadas. Hoje mesmo me enviaram uns dois convites, um de Ribeirão Preto e o outro de Pernambuco. E este ano, o grande Jorge Amado, meu compadre e amigo, faria 100 anos, e aí eu não posso recusar uma porção de convites para comparecer a eventos, em reverência à memória dele. Vou viajar pelo mundo todo, com exceção do Japão e da China — lugares que tenho certa relutância de ir —, mas à Europa eu com certeza vou. Mas isso é complicado, no ano passado não consegui escrever, e

neste ano também não vou conseguir. O romance, se a gente deixar, abandonar, na volta desanda, perde-se o livro. Quem me ensinou essa expressão foi o Rubem Fonseca, que é muito amigo meu. E ele tem toda razão. No ano passado, escrevi não sei quantos começos de romance, desandou tudo, era uma interrupção atrás da outra. No ano que vem, acho que vou ter que me esconder.

Recentemente o senhor disse que não gosta do “papo literário”. Em outras palavras, a literatura é fascinante, o que estraga são os escritores (quando resolvem falar fora de seus livros, em suas confrarias)?

O papo literário a que eu me refiro não é o papo com escritor, é papo com amador. Não que eu tenha algo contra, evidentemente que não, mas essa chatice raramente ocorre com profissionais. Por exemplo, não entra na cabeça de algumas pessoas que eu não tirei da vida real aquelas personagens, ou como diz aquela expressão que eu detesto, que me inspirei em alguém. É que acontece o seguinte: se meus personagens são verossímeis, é natural que eles sejam parecidos com alguém. Se estou caracterizando um personagem pão-duro, muita gente se enquadra nesse perfil. Daí porque conhecem alguém de Itaparica, ficam falando isso. É um saco, insuportável. Outra coisa que acontece é gente que fica alugando para sugerir assuntos. A pessoa não compreende que não sai dessa forma, não vem de fora para dentro. É uma maneira meio barata de se dizer, mas não me resta outra maneira de dizer. Então, ficam dizendo “você podia escrever sobre não sei quem”. Ou acham que eu recolho histórias.

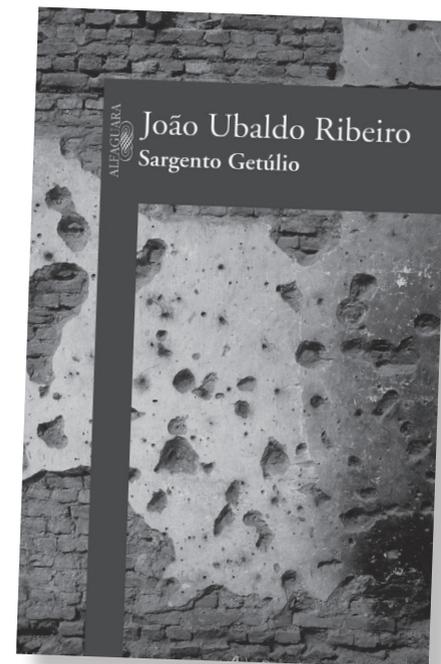
Um de seus livros de crônicas, *O rei da noite*, é quase todo inspirado em causos de sua época de boemia. Mas há muitos anos o senhor não bebe mais. Nesses anos de abstinência, o escritor João Ubaldo chegou a sentir saudade da be-

vida? Ou seja, a bebida, como tema, lhe faz alguma falta?

Não. Passei não sei se 11 ou 12 anos sem beber, não bebia absolutamente nada. Hoje não tenho mais vontade de beber uísque. Mas antes, só não bebia dormindo, mas bebia o tempo todo. Mas de um tempo em diante começou a me prejudicar de uma forma avassaladora, daí parei. Quer dizer, não foi fácil, não foi num estalar de dedos, foi aos trancos e barrancos, mas acabei parando. E fiquei 12 anos sem tocar em álcool. Hoje, não tenho vontade nenhuma de beber como bebia antigamente, a mínima vontade, nem conseguiria. Mas nos fins de semana, às duas da tarde de sábado e às duas horas no domingo, me junto com minha turma de boteco aqui no Rio, que por acaso não tem literato nenhum — podia ter também, não sou contra a presença de gente do mesmo ramo, mas não tem literato nenhum. Aí eu tomo de quatro a seis chopes, acho eu, no sábado, e outros quatro a seis no domingo. De resto, não me faz falta não. Também não sou mais notívago. Mas isso, claro, também é da idade. Vivo dentro de casa, não gosto de sair, estou casado há 30 e poucos anos, eu e minha mulher nos damos muito bem, conversamos muito, batemos papo, e aí não posso mais ser chamado de boêmio.

Seus livros foram traduzidos para vários idiomas, mas nossa literatura ainda é pouco lida fora, no mercado de língua inglesa, principalmente nos Estados Unidos. Como tem sido a recepção de seus livros fora do país? Quais são os lugares em que sua literatura é mais aceita?

A recepção dos meus livros, criticamente, geralmente é boa, com exceção do *Viva o povo brasileiro* nos Estados Unidos. O *Viva o povo brasileiro* já nasceu um pouco errado, porque não se pagam as resenhas pelo número de páginas do livro, então acho muito compreensível que um americano, numa quinta-feira em Nova York receba, para escolher para resenhar, vamos

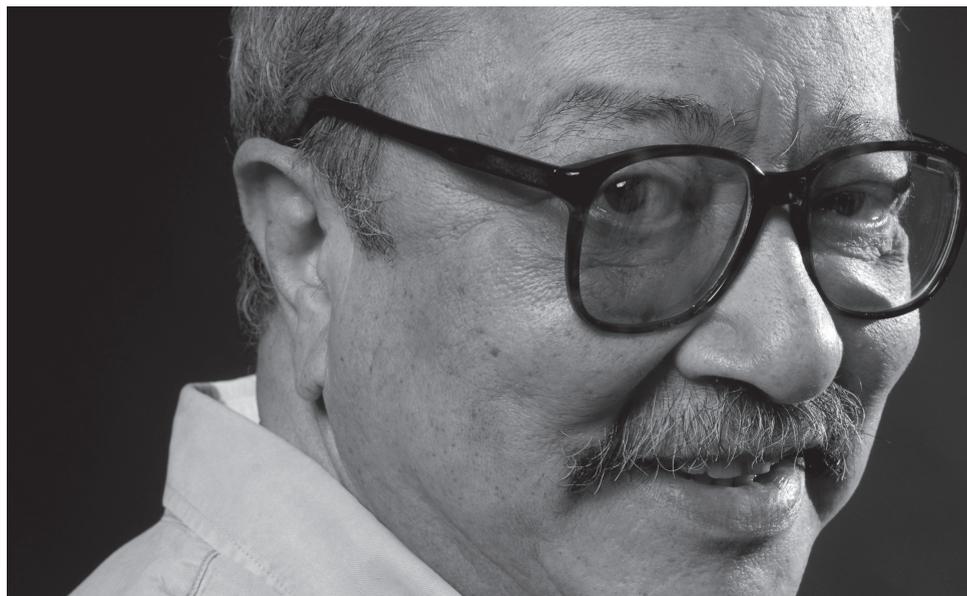


Sargento Getúlio foi lançado em 1971 e ganhou o Prêmio Jabuti de 1972. Ambientado no Nordeste dos anos 1950, o romance narra a história de Getúlio Santos Bezerra, homem de confiança de um poderoso coronel de Sergipe, que precisa levar um preso político de Paulo Afonso até Aracaju.



Setembro não tem sentido é o primeiro romance de João Ubaldo Ribeiro, escrito quando o autor tinha pouco mais de 20 anos de idade, mas que já revela características que o consagrariam como mestre da literatura contemporânea.

dizer, oito livros, só podendo resenhar um. Ele olha aquele tijolo — vindo de um país cuja capital é Buenos Aires e onde se fala também francês — e na sua mesa tem outro livrinho ótimo, de um alemão fantástico que está na moda em Berlim, de 180 páginas. Você acha que ele vai encarar as 700 páginas do *Viva o povo brasileiro*? O pagamento é igual, então ele não encara. E, além de tudo, não gostaram do livro. Enfim, meus livros nos EUA não fizeram o mínimo sucesso, inclusive o *New York Times Book Review* deu uma esculhambada no romance, o que fez o deleite de muitos brasileiros. É engraçado isso, de vez em quando alguém me dizia assim, com uma cara compungida, “seu livro foi esculhambado no *New York Times*, que coisa”. Eu ouvi isso umas três ou quatro vezes e aí elaborei uma respostinha. Quando sentia essa hostilidade velada, esse veneno quase explícito, eu dizia “é verdade, mas e você, quantas vezes foi esculhambado no *New York Times*?” Dá um certo *status*. Mas, engraçado, meus livros se dão muito bem em países nórdicos. Na Holanda, já ganhei até prêmio, homenagens, saiu praticamente tudo que escrevi, em varias edições. *Viva o povo brasileiro* lá, que se chama *Brazilië, Brazilië*, sai reeditado praticamente todo ano, o que é uma coisa raríssima. Um dos personagens do livro, o caboclo Capiroba, meu personagem antropófago, acha muito melhor comer holandeses de que comer portugueses e espanhóis. Prefere muito a carne holandesa, e os holandeses adoram essa historia deles serem mais gostosos para comer, literalmente, do que os portugueses e espanhóis, de quem, aliás, eles nunca gostaram. Na Alemanha também, meus livros são bastante editados e lidos. Na França, sou conhecido pelo mundo acadêmico, editado prestigiosamente pela Gallimard. Enfim, minha obra está no mundo todo, está na Europa inteira, acho que só não na Grécia e no leste europeu. Mas os lugares onde meus livros são mais aceitos são Alemanha e Holanda e, criticamente, na França.



“As pessoas acham que encomenda é uma coisa aviltante, quando, na verdade, a encomenda é regra.”

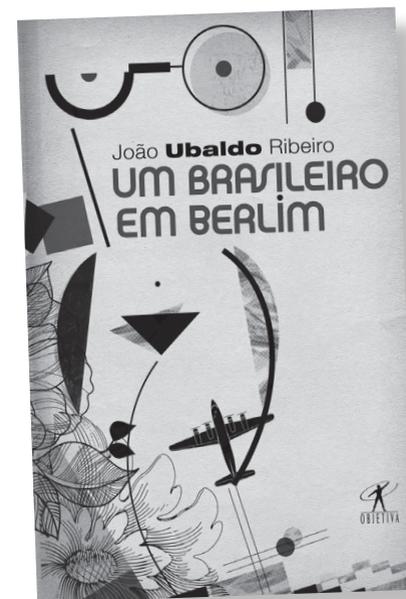
O senhor foi amigo de Glauber Rocha e é uma das principais fontes de *A primavera do dragão — A juventude de Glauber Rocha*, livro de Nelson Motta. O livro recebeu muitas críticas a respeito de erros sobre datas e nomes equivocados. Leu a biografia, o que achou?

Eu li mais ou menos o livro, o Nelsinho é amigo meu, gosto dele, já foi meu companheiro de viagem à Copa, em pelo menos uma ou duas, eu o conheço há muitos anos. Enfim, me dou muito bem com ele e ele realmente me ouviu sobre muita coisa. Ele misturou uns troços lá, mas acho que isso não é grave. Quer dizer, não sei, os meus contemporâneos, amigos do Glauber e meus também, ficaram indignados com o livro. Eu não fiquei. Passei os olhos, não li com muita atenção, mas ele cometeu uns enganos. Acho que ele queria fazer um retrato colorido da juventude de Glauber, onde esses detalhes não são tão essenciais quanto seriam numa bio-

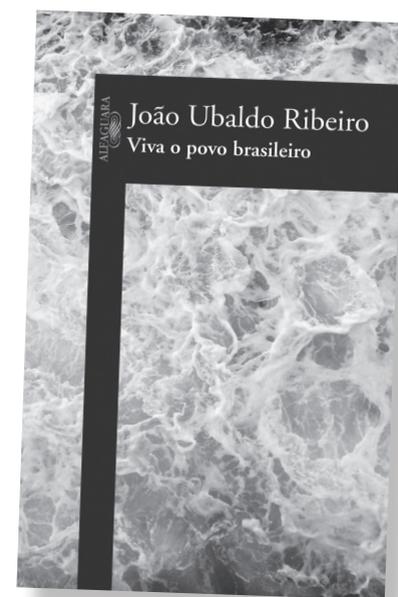
grafia historiográfica com mais cuidados acadêmicos. Mas eu era amigo de Glauber, sou amigo de Nelsinho, quero paz, amor, essas coisas.

Aliás, o senhor fez parte da geração Mapa, que atuou na literatura, nas artes plásticas, no cinema e no teatro nos anos 1950 e 1960. O que mais o marcou nesse período, além de sua amizade com Glauber Rocha?

Fiz parte da geração Mapa, mas com reservas, porque nunca publiquei nada na revista *Mapa*, em nenhum dos dois números. Mas era amigo, sou amigo de todos, acho que muitos continuam vivos, graças a Deus. Era um período de grandes ilusões de juventude, período de efervescência cultural na Bahia, criação de escola de teatro, criação de seminários de música, colóquios internacionais, a Bahia era uma festa cultural nessa época. Grande parte devido à ação do reitor Edgar Santos, que foi certamente o reitor mais notado da história da Universidade Federal da Bahia. Essa época é ainda época da juventude cheia de ilusões, de ideais, grandiloquente, às vezes radical, cheia de planos para o futuro, esperança, projetos, amores, leituras, debates, paixões, era um tempo bom, claro que era. Mas ter 71 anos também é bom. ■



Um brasileiro em Berlim é composto por 16 crônicas escritas durante os 15 meses em que João Ubaldo permaneceu na Alemanha. O livro aborda os estereótipos associados ao brasileiro como um povo sexualmente libertino e o contrapõe à sisudez, também estereotipada, do alemão, lembrando que na Alemanha a nudez pública é tratada com mais naturalidade do que em terras tupiniquins.



Viva o povo brasileiro se desenvolve em grande parte no século XIX, mas avança até 1977. Nele, realidade e ficção se misturam para criar um épico brasileiro com passagens heroicas e cômicas, tendo como pano de fundo momentos decisivos para a história do país, como a Revolta de Canudos e a Guerra do Paraguai.

RETRATO DE UM ARTISTA

MANUEL BANDEIRA

Por **Pedro Franz**

Manuel Bandeira nasceu no Recife, em 19 de abril de 1886. Tornou-se um dos mais conhecidos e respeitados poetas brasileiros por traduzir o cotidiano em uma linguagem refinada e ao mesmo tempo acessível. Adoeceu do pulmão em 1908 e, cinco anos depois, seria internado no sanatório de Cladavel, na Suíça. Estreou em 1917, com *A cinza das horas* e, em 1919, publicou *Carnaval* – dois dos mais festejados livros de poesia em âmbito nacional até hoje. Foi cronista, tradutor, crítico de artes plásticas e, em 1940, ingressou na Academia Brasileira de Letras. Morreu no dia 13 de outubro de 1968, no Rio de Janeiro, cidade onde construiu o seu percurso artístico.

 **Pedro Franz** é ilustrador. Autor da série de histórias em quadrinhos *Promessas de amor a desconhecidos enquanto espero o fim do mundo*. Vive em Florianópolis (SC).



LÁ SOU
AMIGO DO
REI



Leituras

Minhas leituras memoráveis são aquelas quando à noite cabeceio na leitura.

Diante do livro aberto eu persigo o friso das palavras que prosseguem pelo vão das pálpebras.

Há sentido,

que passa despercebido mas que me resguarda.

Pela manhã quando desperto desprezo o livro ao lado e observo no alto o teto liso.

O teto narra esplêndidas histórias na superfície branca de páginas não impressas.

Nelas acredito.

 **Zulmira Ribeiro Tavares** nasceu em São Paulo, em 1930. É autora de *Termos de comparação* (1974), *O japonês dos olhos redondos* (1982), *O nome do bispo* (1985), *O mandril* (1988) e *Jóias de família* (1990). Vive em São Paulo (SP).